

TRINDADE DO SERTÃO



BRAGA JUNIOR



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

[eLivros](#).love

Converted by [ePubtoPDF](#)

TRINDADE DO SERTÃO

BRAGA JUNIOR

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

FRANKLIN FERNANDES

Agradeço a Deus. Por me alimentar com fé para concluir mais uma obra. Por manter a minha força de vontade no nível mais alto, permitindo atravessar noites e madrugadas para a realização de mais um sonho.

Dedico essa obra à minha esposa Fernanda e à minha filha Antonela, pelo amor incontestável que se transformou no combustível para concluir o objetivo.

E também à minha mãe Regina, aquela que foi, é e sempre será, a minha fonte de inspiração e modelo de vida.

ÍNDICE

1 – ARISTIDES E OS VOLANTES.

2 – LÚCIO MATIAS.

3 – MARCUS ALVES.

4 – TIRIBA E JÉSSICA TROVÃO.

5 -JOSENILDO E JESUÍNO.

6 – PADRE JOSÉ.

7 – TIÃO URUBU.

8 – QUIGUNGA.

9 – TERRA SECA.

10 – CABRUNCO.

11 – PÉ NA COVA.

12 – A TRINDADE.

13 – EPÍLOGO.

1 – ARISTIDES E OS VOLANTES.

O Cangaço: fenômeno que começou a chamar a atenção do país entre o final do século XIX e o começo do século XX.

As pessoas tinham diferentes opiniões sobre esse movimento ocorrido no Nordeste do Brasil.

Muitos o consideravam um evento da criminalidade, representada pelos denominados cangaceiros. Uma forma violenta de protesto contra as injustiças e desigualdades sociais e econômicas com que o povo nordestino era tratado em relação à população localizada nas demais regiões da nação.

Várias pessoas também viam os líderes dessa manifestação como heróis locais, uma espécie de benfeitores do sertão. Aqueles que tiravam riquezas dos poderosos coronéis e repartiam com o povo.

Também existiam aqueles que os consideravam mercenários. A troco de dinheiro, fama, terras e até poder, executavam diversos trabalhos sujos para os poderosos fazendeiros da região.

A verdade é que o acontecimento incomodou, e bastante, as autoridades nacionais. E era chegada a hora de acabar com esse grupo que só aumentava sua fama território brasileiro afora.

Diversos grupos armados foram criados para enfrentar os cangaceiros. E um deles tinha uma missão especial e muito perigosa. O objetivo era de conhecimento somente de seu líder.

O jovem tenente Marcus Alves cavalga lentamente pelas terras secas do sertão sergipano em sua imponente montaria marrom. Apesar de vestir seu uniforme oficial, farda bege com quepe, e ter uma pele rosada, o sol e o calor infernal parecem não incomodar o jovem loiro de olhos esmeraldas.

Ao contrário de seu segundo em comando, o cabo Aristides Silva. Veterano, gordo, e com uma barba por fazer, a todo o momento o cabo retira seus óculos redondos do rosto para tirar o suor de seus olhos castanhos.

Aristides é da região, mas nunca se acostumou com o clima e o ambiente hostil de sua terra natal. Montado em seu cavalo, ele está ao lado de Marcus.

Os irmãos gêmeos Josenildo e Jesuíno vêm logo atrás, assim como o restante da comitiva. No total são um grupo de sessenta homens fortemente armados. Eles são conhecidos como volantes. Um grupo de soldados que estão no sertão com dois objetivos bem claros: encontrar e aniquilar todos os cangaceiros.

Os irmãos se sentem incomodados pelo fato de seu líder não lhes informar do teor da missão. Assim como o restante do grupo, com exceção de Aristides, eles demonstram uma certa desconfiança em relação a Marcus. Perguntam-se por que um rapaz bem-apessoado, do Sul, provavelmente de uma família renomada e tradicional, está em uma das regiões mais perigosas do Nordeste.

Fechando o grupo, que está enfileirado em suas montarias de dois em dois, está um menino de apenas treze anos de idade. Um afrodescendente conhecido apenas como Anu.

Por uma estrada de pura poeira, o grupo cavalga sob sol escaldante. O cabo coloca o lenço azul que estava amarrado em seu pescoço no rosto. Ele se sente mal com a mistura de pó com o calor ardente. Porém, sua visão, um pouco embaçada, consegue identificar um pequeno vilarejo a quatrocentos metros de sua posição.

Ele dá um pequeno suspiro, pois finalmente poderá sair da montaria. Suas costas doem e suas ancas estão dormentes. Ele precisa urgentemente de um bom descanso. Aristides aponta o local para Marcus. Com um sinal, o oficial ordena que seus comandados avancem para a pequena vila.

Na entrada do povoado, um grupo de treze crianças observa a chegada dos homens. Elas estão subnutridas, com barrigas salientes, pés descalços e roupas velhas e rasgadas. Correm de um lado para o outro, brincando de bandido e mocinho com pedaços de madeira como se fossem armas de fogo e peixeiras.

Entretanto, quando o grupo finalmente chega no lugar, as crianças param de se divertir e olham sua passagem. Prestam atenção nas suas roupas, montarias e armas. Principalmente em Marcus. Pois o jovem tenente lidera o bando e possui roupas diferentes dos outros membros.

Uma das crianças grita para os soldados e é prontamente acompanhada pelas demais, em um alto e sonoro coro.

- Macacos! Macacos! Macacos!

Os volantes seguram firmemente suas metralhadoras hotchkiss. Alguns tiram de suas vestimentas amarronzadas facas e punhais.

Para a decepção e infelicidade de uns e raiva e ódio de outros, os soldados constataam com quem os moradores do vilarejo simpatizam mais.

Aristides fica embaraçado com a frieza e calma de seu superior ao ouvir o apelido pejorativo com o qual seus comandados são chamados.

Marcus não demonstra qualquer reação ou emoção ao concluir que eles não serão bem-recebidos naquele pequeno pedaço seco, pobre, fétido e desolado de terra.

Anoitece e as barracas estão todas armadas ao lado da vila. As coberturas estão sujas e encardidas devido à ação do tempo.

Marcus preferiu não se misturar aos moradores da vila. Seus homens estão proibidos de qualquer tipo de contato com aquela gente.

Com a negativa de seu líder, os soldados fazem uma fogueira, bebem cachaça e comem um lagarto assado, fruto de uma caçada realizada durante a viagem.

No entanto, Marcus está mais afastado do grupo, sentado numa esteira de palha. Olha a Lua e bebe água de seu cantil. Foi assim durante toda a viagem. Sempre está isolado e troca poucas palavras com o grupo. Restringe-se a ordens e alguns comentários com Aristides.

Dos tacos de madeira em chamas, o cabo olha seu chefe. Ele tem algumas folhas e um lápis em mãos. Um dos seus objetivos na missão é documentá-la. Espia, dessa vez, para a equipe e novamente volta seu olhar para o tenente. Ele se levanta e caminha na direção do oficial. Chega à sua frente, ajeita suas calças e se senta.

Durante cinco minutos nenhuma palavra é trocada entre os dois oficiais. Aristides olha fixamente para Marcus. O tenente continua olhando para as estrelas como se seu subordinado não estivesse ali.

Contudo, sem mais um pinga de paciência, o cabo não espera que Marcus lhe conceda a permissão para falar e começa uma conversa.

- Senhor! – fala Aristides. Ele tem um copo de cachaça na mão e oferece para Marcus. – Estamos cavalgando a dias por essas terras áridas e até agora não falou o nosso propósito aqui. Confio na sua capacidade e competência, todavia os homens estão aperreados e impacientes. Alguns cogitaram em abandonar a empreitada caso não sejam lhes revelados sua finalidade.

- Cabo Aristides – interrompe o tenente. Ele não aceita a bebida oferecida pelo veterano. – Daqui escutei alguns de meus soldados insatisfeitos com a minha descrição. Entretanto, foi uma ordem direta do meu general. Para não termos nossos fins descobertos, ele me ordenou somente informar nossos alvos, assim que chegássemos nesse ponto. Acompanhe-me, por favor.

Marcus se levanta da esteira e caminha na direção do acampamento. Aristides tem um pouco de dificuldade para se levantar rápido devido a seu peso. Ele não sabe se levanta ou arruma suas calças novamente. Mas, segue o seu líder.

A dupla chega na fogueira. Os homens ficam incrédulos com a presença do tenente. Era a primeira vez, depois de dias, que o seu líder estava ali, compartilhando o descanso com eles.

Cachaça e carne foram oferecidos pelo magricela Josenildo. Marcus agradeceu com um gesto, porém aceitou somente um pedaço de lagarto. O militar

sorriu, revelando um brilhoso dente incisivo central de ouro.

Ele comeu, bebeu água e mastigou novamente. Todos apenas observavam o tenente.

Percebendo que todos o olhavam, Marcus resolveu falar:

- Por favor, senhores. Continuem comendo e bebendo. Vocês não vão interromper os seus descansos por minha causa! Aproveitem. Amanhã será mais um dia de uma tortuosa cavalgada.

Meio constrangido, o moreno Jesuíno tomou a iniciativa de falar.

- Perdoe-nos, senhor. Mas, é que estamos cabulosos. Desde que nos unimos ao senhor, você sequer falou pra gente qual é a nossa missão. Estamos seguindo todos os seus passos, sem saber qual será o nosso destino, e apenas confiando que nos levará para o caminho certo.

- Por isso estou aqui com vocês agora, Jesuíno. - Marcus mastiga a carne e gosta do tempero dela. Alimento preparado meticulosamente, apesar de tão poucos recursos, pelo jovem Anu. – Tinha ordens específicas para não lhes falar nosso intento. Apenas quando estivéssemos bem perto de nossos alvos. E creio que estamos.

- E quem seriam os murrinhas mandar dessa para melhor? – pergunta Josenildo. O homem afia suas duas peixeiras numa pedra de amolar.

- Nossa missão é bem simples, soldado – responde Marcus. - Nós vamos encontrar e executar o trio que vem assolando essa região. Criminosos covardes e sanguinários que caminham impunemente por essas terras. Matando pessoas, estuprando mulheres e crianças inocentes e roubando tudo que encontram em seu caminho. Nossos alvos são Cabrunco, Pé na Cova e Terra Seca.

Ao escutar os nomes dos três cangaceiros criminosos, todo o grupo olha e para de comer e beber, inclusive Aristides. Seus olhos estão incrédulos por causa das palavras de seu tenente.

2 – LÚCIO MATIAS.

Os primeiros raios de sol começam a castigar o terreno seco e sem vida do sertão. E os olhos de Marcus Alves se abrem. Ele desperta de um sono profundo. Mas não por vontade própria. Barulhos, burburinhos, gritos e conversas altas atrapalham o descanso do tenente.

Imediatamente ele se levanta, e ainda com suas roupas de dormir, sai de sua tenda. Num primeiro momento tenta localizar seu braço direito, Aristides, e percebe que algo está errado no acampamento. Um agito tomou conta dos soldados. Depois de alguns segundos, ele finalmente avista o veterano.

- O que houve, cabo? – pergunta o oficial. Ele boceja e parece procurar algo. - Por que estão todos agitados?

- Dez deles abandonaram nóise, senhor – responde de forma ofegante Aristides.

- O que os levou a cometer tamanha imprudência? Eles sabem que a deserção é um crime grave.

- Sabem, mas outros também queriam meter o pé. Eu evitei uma pinotada maior. Depois que o senhor falou os nomes dos cabras ruins.

- Como assim? O que aconteceu? – Marcus achou o que estava procurando. Um pouco de café. Ele pegou um bule e encheu uma xícara.

- Depois que o senhor mencionou os nomes dos bandidos, muitos deles toraram um aço.

- Eles têm medo de três cangaceiros criminosos? – Marcus bebe seu café rápido. Não gostou nem um pouco da atitude de seus comandados.

- Somos um povo crente e temente a Deus, senhor – interrompe o cabo. – Mas, também temos nossas superstições. Existem lugares nessa terra árida do diabo com muitas histórias terríveis e macabras. O povo fala que até mesmo Nosso Senhor já abandonou certas paragens daqui.

- Você também acredita nessas besteiras, cabo? – Antes de responder, uma voz interrompe a conversa dos dois.

- Não sabe com o que está bamboleando, senhor! - fala Josenildo. O volante carrega em suas costas duas peixeiras. Ele se aproxima da dupla.

- O que sabe dessas histórias, soldado? – pergunta Marcus. O tenente coloca mais um pouco de café na sua xícara.

- Causos ruins, senhor. Bascui, morte e carnificina. As três pestes parecem que tem algum tipo de pacto com o tihoso.

Marcus quer rir, mas disfarça tomando seu café. Imagina a facilidade com que o povo dessa região acredita em cada lenda ou bobagem que falam para eles.

Apesar de reparar que seu líder desdenhou de suas palavras, Josenildo continua a falar dos três cangaceiros.

- Sim. Esses três filas de uma quenga comandam uma campanha de crime aqui nessa região. Eles são seguidos por cinquenta sujeitos ruins. As falas das pessoas daqui são dá um aperto no cú. Dizem que Cabrunco é tão ruim que até mesmo o diabo teve receio em prostrar um o pacto com ele. Já Pé na Cova escapou inúmeras vezes da morte. Falam que ele tem o corpo fechado. Enquanto que Terra Seca foi enterrado vivo. E quando os volantes, que o deixaram embaixo da terra quente, voltaram para conferir o serviço que tinham feito, ficaram paralisados de terror. No lugar do corpo do desgraçado, estavam os cadáveres esquartejados das esposas e dos filhos dos soldados.

-Tolices – retruca Marcus. - Vocês não percebem que são apenas anedotas e lorotas para espantar os seus inimigos e amedrontar as pessoas mais simples e ingênuas? – O tenente guarda a xícara e começa a fazer o caminho de volta para a sua tenda. – Aos que ficaram, fale que o dinheiro que seria repassado para os desertores agora é deles. Aristides. Ordene que desarmem suas barracas imediatamente. Vamos ao encontro do Coronel Lúcio Matias. Ele possui informações valiosas a respeito desse bando.

O sertão alagoano. Seu clima semiárido e sua baixa umidade castigam a turma de soldados de Marcus Alves. Eles trotam através de uma vegetação onde predominam arbustos praticamente sem folhas com seus galhos retorcidos. Os cactos também enfeitam a paisagem desértica.

A passagem é difícil, pois o solo é bem pedregoso. Um descuido pode significar a perda de uma das montarias.

Os animais selvagens que têm o azar de cruzar o caminho dos viajantes são logo abatidos para servirem de alimento a tropa. Preás e gambás são os alvos mais fáceis dos volantes. Todos os animais abatidos são guardados numa espécie de bolsa presa na sela do cavalo do jovem Anu.

Jesuíno olha para os céus e xinga.

- Maldito dos infernos.

Ele avista um urubu preto rodopiando o grupo. Pensa que a ave está ali “secando” um dos soldados, torcendo por sua morte ali, para ganhar uma refeição fácil e farta.

Mais uma hora e meia de cavalgada, Marcus e seus militantes chegam ao seu destino: a fazenda do Coronel Lúcio Matias.

Eles avançam pelas cercas da propriedade e são seguidos de perto pelos jagunços do coronel. Uma forma de precaução. A fazenda há pouco fora alvo do ataque brutal de cangaceiros.

Os volantes ficam precavidos. Eles não morrem de amores por capatazes de coronéis. E a recíproca é verdadeira. Um pouco de tensão toma conta do ambiente.

Como de costume, Marcus não liga para as desavenças entre os dois grupos. Ele está ali somente com uma meta. Colher informações importantes que o levem ao paradeiro dos criminosos.

O bando chega na sede da fazenda. Um casarão antigo com duas grandes portas e quatro janelas de madeira na frente. Um pequeno cercado também em madeira serve de varanda. Todo o imóvel está rodeado por um grande pátio de chão batido.

Numa das portas, Lúcio Matias observa a chegada de seus convidados. O dono do lugar beira os sessenta anos de idade. Ele pita seu cachimbo com fumo pacientemente. Espera pela comitiva. Porém, apenas Marcus apeia do cavalo.

- Aproveite que vou conversar com o coronel e reabasteça nossos mantimentos. Lembre-se, quero muita água.

- Sim, senhor – responde Aristides.

Marcus caminha na direção de Lúcio.

- Chegue mais. Seja bem-vindo a minha humilde casa, tenente Marcus – fala o Lúcio. O senhor veste um terno em tons bem claros e ostenta um belo e grande chapéu na mesma tonalidade.

- O prazer é todo meu, coronel – retorna a gentileza Marcus. Ele observa que uma senhora muito idosa, com mais de oitenta anos de idade, está sentada numa velha cadeira de balanço ao lado de Lúcio. – Espero que suas informações me levem ao encontro desses criminosos.

- Arrodeie e vamos entrar, filho – recomenda Lúcio. – Lá dentro podemos conversar melhor.

- Como quiser.

Antes de entrar, Marcus cumprimenta a senhora, todavia ela não olha e não retribui o gesto de educação do jovem, apenas observa o horizonte da caatinga.

Já dentro da casa, os dois se encaminham para uma sala. No cômodo, Marcus nota um grande quadro de um rapaz bem jovem, muito parecido com o coronel. Ele deduz se tratar do filho de Lúcio.

- Sente aqui – fala Lúcio. O coronel coça seu cavanhaque negro e aponta para uma mesa em madeira nobre com três cadeiras muito confortáveis. Marcus senta numa delas.

- Obrigado. – Marcus se ajeita no assento. – Ele observa a chegada de uma senhora vestida de azul marinho e de uma empregada que carrega uma bandeja em

prata com uma jarra contendo um líquido na cor âmbar.

Quando as mulheres chegam, o tenente se levanta. A mulher de azul senta na cadeira vaga. Marcus somente se senta depois da senhora.

- Quer uma cajuína, tenente? – Lúcio oferece a bebida para Marcus. - O suco está arretado!

- Não, senhor. Um copo com água já seria o suficiente.

O fazendeiro olha para sua empregada. A moça se retira da sala.

- Essa é a minha patroa, tenente. Seu nome é Alice Matias.

- Muito encantado, minha senhora – fala Marcus. Ele estranha a presença de uma mulher num assunto tão importante.

- Pelo sotaque e a educação, vejo que é um cabra bom, tenente – comenta Alice. A senhora ajeita as tranças de seus cabelos de ébano. – De onde? Sul?

- Não, minha senhora. Sou do Espírito Santo – responde o jovem.

A empregada retorna na sala com o copo com água solicitado por Marcus. Prontamente ele agradece a moça.

- Bem, meu jovem – interrompe Lúcio. – Você deve estar curioso do porquê de uma mulé participar de uma reunião que envolve assuntos privados do estado e da nação. Porém, a presença da minha dona aqui tem uma razão. Ela melhor do que ninguém pode lhe falar sobre aqueles malditos cães do inferno. – O quinteiro olha para a sua esposa. – Fale para o tenente, meu amor. O que aconteceu aqui e o que ele vai ter que enfrentar.

As palavras do coronel intrigam o jovem oficial. Mas ele escuta atentamente o que a senhora Alice Matias tem para lhe falar.

- Quinze dias atrás - fala Alice – meu marido saiu da fazenda junto de alguns dos nossos empregados. Eles foram até a cidade mais próxima para negociar os produtos que produzimos aqui. No mesmo dia, à noite, uma tragédia mudou todas as nossas vidas. – A senhora Alice respira fundo antes de continuar sua história.

- Senhora, precisa de um copo com água? - pergunta um preocupado Marcus. – A senhora parece que não está confortável com essa conversa.

- Não, jovem oficial – responde a senhora. Ela pega um lenço e enxuga as lágrimas de seus olhos cor da noite. – Prefiro contar tudo. Se não falar agora, talvez não consiga contar tudo até o final.

Marcus olha para Lúcio. O coronel balança positivamente a cabeça. O jovem tenente faz um gesto pedindo que Alice continue seu conto.

- Como falei antes, o destino mudou nossas perspectivas para sempre. Um grupo de cangaceiros invadiu a fazenda. Era o grupo de Cabrunco, Pé na Cova e Terra Seca. Eles chegaram atirando e matando todos que ousavam enfrentá-los. Meu filho Lino Matias. Aquele ali no quadro. – Marcus mais uma vez olha o

quadro da sala. – Juntou todos os nossos empregados e seguranças e foi deter o avanço dos bandidos.

Marcus olha para o casal e indaga silenciosamente para ele mesmo: “Seguranças, jagunços ou cangaceiros contratados?”

- No oitão, o tiroteio fazia vítimas em ambos os lados. Lino liderava nossa frente com pulso firme e aos poucos conseguia deter o avanço da bandidagem. Mas, algo mudou todo o rumo da briga quando meu filho alvejou Pé na Cova com um tiro na cabeça usando sua espingarda. Cabrunco, que até então, apenas olhava e sentia prazer com a matança, ordenou que seus homens se retirassem do pátio.

Marcus achou estranho a atitude do bandido. Ele coloca sua mão esquerda no queixo e foca ainda mais nas palavras de Alice.

- Todos os seus comparsas saíram rapidamente da fazenda. Só ficando ao seu lado Terra Seca. O traste ria sem parar da situação. Da janela do casarão eu e a minha mãe, aquela que está lá fora sentada na cadeira, vimos quando tudo pirou. Parecia que Deus havia nos abandonado a sorte. Os olhos dos dois estavam amarelados. Estava muito escuro, pois era tarde da noite, mas, vimos perfeitamente a mudança das feições dos bandidos. A impressão que deu é que suas bocas e seus dentes haviam aumentado de tamanho. Os dentes pareciam de feras.

Marcus bebeu um pouco mais de água. Não queria contestar a história fantástica e absurda de Alice.

- O que mais assustou a todos, foi quando o batorézinnho do Pé na Cova se levantou do chão. Pensávamos tinha ido dessa para melhor. Mas, nem a marca da bala cravada em sua cabeça existia mais. Assustado com aquilo tudo e muito preocupado comigo e com a sua avó, Lino e seus cafuçús correram para dentro da casa. Ele selecionou cinco dos nossos melhores empregados e lhes ordenou que nos retirassem da fazenda pelos fundos. Todas as mulheres, velhos e crianças fugiram das garras dos demônios.

- E seu filho? – pergunta Marcus. – O que houve com ele?

- Ele ficou para defender nosso lar – respondeu a senhora já com lágrimas nos olhos. Lúcio imediatamente amparou sua esposa. – Enquanto corríamos para salvar nossas vidas, ouvíamos tiros, gritos de dor e desespero, e grunhidos que pareciam de bestas do inferno. Passamos toda a noite escondidas na vegetação do entorno de nossa propriedade. Mandeí que um dos homens fosse imediatamente atrás do meu marido. Porém, amanheceu e ele ainda não havia retornado. Decidimos superar nosso pavor e medo e voltar para cá.

- Não ficou com receio? - pergunta Marcus.

- Não – responde a senhora. – Os gritos já haviam terminado a tempo. Quando pisamos novamente no pátio de nosso lar, estranhamos o fato de não haver corpos espalhados no chão. Nem dos nossos e nem dos inimigos. A única coisa

que estava no piso era muito sangue misturado com poeira. Eu e a minha mãe procuramos por Lino. E não conseguíamos encontrá-lo.

A voz e as mãos de Alice ficaram trêmulas. O fazendeiro sempre tentava amparar sua amada. Mas percebia em seus olhos o terror. Uma lembrança que ela levaria para o resto de sua vida. Mesmo sem muitas condições de continuar seu testemunho, ela respirou fundo mais uma vez e continuou seu relato.

- Até que um menino. Filho de um dos nossos empregados, gritou de forma histérica e aperreada. Corremos em sua direção. Pensávamos que os cabra da peste ainda não tinha ido embora. Engatilhamos nossas armas. Dessa vez não fugiríamos dos bascuís. Encontramos o garoto na frente de uma pequena capela que fica a cem metros atrás desse casarão. O cheiro de morte e sangue fedia todo o lugar. Todos estavam com medo de abrir a porta de nosso local de orações. Mas, decidi tomar a iniciativa. Quando abri a porta, vi algo que nunca imaginaria ou sequer cogitava ver. Todos os nossos defensores, - Alice começa a soluçar e lágrimas não param de sair de seus olhos. - Inclusive o meu lindo filho. Meu único herdeiro. Todos estavam mortos e seus corpos estavam esquartejados dentro da capela. Minha adorada mãe surtou e desde então não falou uma única palavra.

- O que esses bandidos fizeram? – pergunta um perplexo tenente.

- Eles mataram os nossos entes e aliados, utilizando as imagens e cruzeiros da nossa pequena capela. Uma blasfêmia imperdoável.

Lúcio também não aguenta ouvir a história. Seus olhos estão marejados. Alice nada fala mais. Fica em silêncio e ora baixinho. Pergunta a Deus o porquê de toda aquela barbárie e heresia contra a sua família.

- Agora sabe o que enfrenta, tenente! – comenta o quinteiro. – Você deve seguir para o noroeste. Acaguetes falaram que eles passaram numa vila a meio dia de distância daqui. Pararam numa venda de um coiteiro chamado de Tiriba. Provavelmente esse simpatizante de cangaceiro saberá o destino dos amaldiçoados.

Marcus se levanta da cadeira e cumprimenta seus anfitriões.

- Obrigado por todas as informações, coronel. Devo partir imediatamente. Quanto mais eu demoro em encontrar o bando, mais vítimas eles farão.

- Sim – fala Lúcio. – Um dos meus jagunços lhe levará a vila onde reside Tiriba. Seu nome é Messias João. O cabra é rochedo. Minha vontade era de ir com vocês e acabar com a raça daqueles arrombados. Mas, com a falta de meu filho, devo ficar e defender a fazenda de algum ataque.

Mais uma vez, Marcus agradece ao coronel e sai da grande casa. Ao chegar na varanda, ele passa pela senhora na cadeira de balanço. Dessa vez ignora a velha, pois sabe que a senhora mal olhará para ele.

Mas, para sua surpresa, ela pega firme em seu braço esquerdo.

- Você tem uns minutos para uma velha senhora? – pergunta ela.

3 – MARCUS ALVES.

Marcus espera pacientemente as primeiras palavras da mãe de Alice. Ele está muito curioso sobre o que ela vai falar. De repente algo que Lúcio ou sua filha não quiseram expor ou esqueceram, devido à tensão e ao clima pesado que corre naquela casa. E as palavras não demoram a acontecer.

- Por favor, filho – a senhora inicia a conversa. – Pegue aquela cadeira que está do outro lado da varanda e sente-se comigo.

O jovem tenente acata o pedido da senhora e pega a cadeira de madeira indicada por ela. Ele a coloca ao lado da cadeira de balanço, onde se encontra sentada a mulher idosa.

- Sinto muito pelo que aconteceu com o seu neto, senhora...

Antes que ele pudesse completar sua frase, a velha senhora o interrompe.

- Maria do Socorro. Meu nome é Maria do Socorro. Gostaria de lhe fazer uma pergunta. Posso?

- Como a senhora desejar. – Marcus olha para o horizonte e tenta compreender o que tanto Maria do Socorro observava quando ele chegou no casarão. Porém, um questionamento forte faz com que ele olhe nos olhos dela. Um olhar perdido, negro, desiludido, enrugado e triste.

- Você acredita em Deus, filho? Acha que ele nos guarda sempre?

O tenente se surpreende com a pergunta dela. Nunca imaginaria que o teor da conversa seria esse. Contudo, responde sem fazer rodeios ou dar desculpas. Religião é um dos assuntos que mais incomoda o rapaz.

- Deixei de acreditar há muito tempo atrás. Hoje prefiro ter e ver provas concretas para que eu acredite em algo. Deus nunca me deu essa prova. Muito pelo contrário, se ele existe, tirou tudo que eu mais amava na vida. Além de me apresentar o lado mais maléfico e ruim da alma do homem. Seja ele um coronel, um criado, uma pessoa rica ou um indivíduo de poucas posses.

- Deveria repensar suas crenças e conceitos. O que está por enfrentar é uma coisa que tem total e irrestrito braço do tnhoso – comenta Maria do Socorro. – Falam que você é um oficial muito da gota e porreta. Vejo que é muito estudado. Arrisco em falar que sua educação é de gringo. Aposto que seus homens são volantes temidos e poderosos. Mas, falo uma coisa para você. Somente sendo sabido, corajoso e forte, não terá chances contra aqueles demônios em forma de cangaceiros. É preciso ter fé. Se apegar em orações e pedir a Nosso Senhor bênçãos e proteções.

- Perdoe-me, senhora – retruca Marcus. – Não sou um homem de fé. Sou um homem cético. Daqueles que só acreditam em algo quando presenciam o fato.

Faço o meu trabalho para que vidas como a do seu neto e a de seus homens não sejam ceifadas em vão.

- O sacrifício de meu neto não foi em vão, tenente – discorda a senhora. Nota-se uma certa impaciência dela quando Marcus lembrou de seu neto. – Ele, além de salvar sua mãe e a sua avó, conseguiu garantir a vida de todos os idosos, mulheres e crianças que conseguiram escapar conosco.

- Desculpe-me, mas em momento algum eu acreditei na história de sua filha. Acho que ela está muito abalada com a morte de Lino. Tem pressão demais sobre ela. E isso afetou seus pensamentos. Está vendo os meus homens lá no pátio? – Marcus aponta para o seu pelotão, que descansa a espera de ordens de seu líder. - Somos em cinquenta. E nenhum deles, nenhum deles, inclusive o homem que deveria ser meu braço direito na missão, acredita no meu potencial. Achem que vim do Sul. De uma casa rica e tradicional. E que estou aqui por puro orgulho. Para mostrar a meus pais o quanto posso fazer por meu país. Pensam que sou vaidoso e zeloso. Que quero a glória e a fama no Sul quando retornar dessa missão. Mas se for para a senhora entender a minha situação, o que passa na minha cabeça, como eu penso e por que sou tão descrente com coisas espirituais, vou contar-lhe a história da minha vida.

Maria do Socorro olha fixamente para Marcus. Ela se interessou pela conversa dele.

- Comece então, filho. Fale para mim por que está com o coração tão frio e a alma dura como pedra.

- Eu nasci e fui criado no interior do estado do Espírito Santo.

- Está bem longe de casa – comenta a senhora.

- Sim. Eu era de uma família muito pobre e humilde, apesar do que pensa meu grupo. Meu pai fazia bicos para, pelo menos, garantir nossa janta. E a minha mãe cuidava do nosso pequenino barraco de madeira. Todavia, uma grande oportunidade apareceu. Uma que poderia mudar todas as nossas vidas de uma vez por todas. Meu pai foi contratado por um fazendeiro de café das regiões montanhosas de lá. Não pensamos duas vezes e nos mudamos para a grande propriedade.

- E lá? Conseguiram a estabilidade desejada? – pergunta Maria do Socorro. Ela faz um sinal para a empregada, solicitando café para beber.

- Em parte – Marcus olha para o pátio e percebe que seus homens já estão prontos para uma partida. Alguns já estão impacientes. – Não passávamos fome. Lanche, almoço e janta estavam garantidos. Contudo, o dono da fazenda não pagava o que havia prometido para meu pai. E, para não voltarmos para a miséria, meus pais acabaram cedendo à situação de quase escravidão. E continuamos trabalhando na fazenda praticamente por comida e um abrigo.

- Fiz amizade com um homem que tinha o apelido de Grote – Marcus continua a sua história. – Ninguém sabia o seu nome verdadeiro ou de onde ele vinha. Mas uma coisa todos faziam. Os demais trabalhadores caçoavam dele o tempo todo. Grote possuía deficiência mental. Muitos achavam que ele já passava dos quarenta anos de idade. Entretanto, sua idade mental se equiparava a de uma criança de nove anos de idade. Logo fizemos amizade e nos tornamos grandes amigos nas plantações de café da fazenda. Um ajudava ao outro nas dificuldades.

Aristides ajeita as coisas na sela de sua montaria. No entanto, para de fazer tudo ao perceber a conversa longa entre Marcus e Maria do Socorro. O velho soldado pega seus papéis de anotações e começa a escrever. Pois o tenente, desde o começo da missão, quase não falou nada com ele e com os soldados. Não obstante, arrumou até uma simples cadeira para prostrar-se com uma velha mulher que nunca vira na vida. Isso chamou a atenção do velho cabo.

- A vida virou uma rotina, e a seguíamos de acordo com a direção dos ventos e a maré – conversa Marcus. Ele faz uma pequena pausa quando a empregada chega com uma bandeja em prata com um bule e duas xícaras de café. A moça lhe oferece a bebida, e dessa vez ele aceita. – Muito obrigado. – Ele volta novamente suas atenções para Maria do Socorro. – Como eu ia dizendo, a rotina tomou conta de nossas vidas. Trabalhávamos, ganhávamos comida e um lugar para dormir. Até que um dia, eu notei que a minha mãe andava diferente. Distraída, cabisbaixa e por vezes muito triste. Sempre perguntava para ela o motivo da mudança de seu comportamento. E ela nunca dizia. A todo o momento arrumava desculpas para fugir das minhas indagações. Logo percebi que algo sério estava acontecendo.

- Ela estava doente? – pergunta a senhora. Ela toma um pouco do café servido pela empregada.

- Pior - responde o tenente. Que também dá um gole no café e olha a formosa moça se retirar da varanda carregando a bandeja. – Num dia, resolvi sair antes da colheita e chegar em casa mais cedo. Tinha que sair para frequentar o grupo de orações só para crianças da fazenda.

- Visse, menino! – interfere Maria do Socorro. – Em algum momento tinha suas crenças em Deus.

- Quando cheguei em casa – Marcus corta o comentário sem graça da senhora. Ele não gosta que as pessoas brinquem com ele sobre esse assunto – testemunhei o nosso patrão tentando agarrar a minha mãe à força. Ela tentava de todos os modos impedir o assédio do porco. O cafajeste só parou quando me viu. Saiu da minha casa às pressas. – Marcus bebe mais café. Ele demonstra um certo nervosismo. Não gosta de lembrar dessa história. – A minha mãe pediu desesperadamente para que eu não contasse nada do que tinha testemunhado para o

meu pai. Ela não queria que voltássemos para a linha da pobreza e fome novamente.

- E o que você fez?

- A contragosto, acatei o pedido da minha mãe e continuamos nossa sina naquela fazenda. Porém, o meu pai começou a ser motivo de chacotas e piadas maliciosas com os demais trabalhadores do local. Eles teciam comentários mentirosos e maldosos a respeito da conduta da minha mãe. Muito forte mentalmente, ele ignorava todas as piadas sem graça e dedicava-se somente à proteção e à sobrevivência de nossa família.

- Um homem maneiro – comenta a senhora. – Conheci poucos na minha vida.

- Sim. Mas suas virtudes só lhe levaram à ruína. Um dos capatazes do fazendeiro se sentiu no mesmo direito de seu patrão e começou a arrastar as asas para cima da minha mãe. Nossa vida deu mais uma guinada quando meu pai flagrou o maldito querendo arrancar as roupas da minha mãe sem o consentimento dela. Para defender a sua honra, meu pai entrou em luta corporal com o canalha. Mas foi vítima da lâmina afiada do facão do maldito.

Marcus dá um soluço. Ensaia umas lágrimas. Contudo, se recompôs e continuou a contar sua história de vida trágica.

- Novamente, a minha família. Dessa vez, eu e a minha mãe. Engolimos toda a maldade causada pelos homens e continuamos nosso cotidiano. Tudo por causa de um prato de comida e um lugar para deitar.

- Guerreira essa mulé! Tanto sofrimento e sacrifício para dar o mínimo para seu filho.

- Com certeza. Mas os assédios continuaram. Tanto da parte do patrão como da iniciativa de seu capataz assassino. E, a cada dia, eles eram mais incisivos. Minha mãe já não aguentava tanto mais a pressão, esse fardo para sua vida. Indagava sempre se era uma provação de Deus toda a angústia que nós passávamos. Até que, num dia de muita chuva e frio, ela encerrou sua vida pendurada numa árvore próximo a nossa casa.

- Deus tenha piedade de sua alma – ora Dona Maria do Socorro. Ela segura firmemente seu colar com a imagem de um crucifixo.

- Ela teve um velório decente – Marcus prosseguiu com sua narrativa. – Tudo para a esposa do safado do fazendeiro não desconfiar do motivo que levara a minha mãe a cometer tal ato. Ao final do enterro, o fazendeiro e seu capataz cochicharam ao pé do ouvido. Porém, consegui ler os lábios do patrão. Ele pediu para o capataz acabar com a minha vida. Ele me considerava uma ameaça. Achava que contaria toda a verdade para a sua mulher.

- E o que você fez?

- Após olhar as feições de alegria e prazer com que o capataz recebeu as ordens, eu fugi. Do cemitério mesmo. O desgraçado me perseguiu e conseguiu me encurralar próximo à saída da fazenda. Ele sacou seu facão. Por ironia do destino ou por puro prazer e capricho, a mesma lâmina branca que havia ceifado a vida de meu pai. Eu não tinha para onde correr. Apenas esperei a morte me levar. Já sem esperanças e conformado com o meu destino, Grote surgiu inesperadamente e matou o capataz com golpes de foice. Despedi-me de meu único e verdadeiro amigo. Abandonei a fazenda. Passava de propriedade em propriedade roubando roupas nos varais e comidas nas dispensas. Até conseguir afanar um cavalo. Com a montaria, rodei bastante até chegar na cidade de São Paulo.

- Gosta de longas caminhadas!

- Tudo por causa do destino, minha senhora. Em São Paulo, vendi o cavalo roubado e consegui alugar um quarto numa pensão. Mas, para conseguir morar lá durante um tempo, retornei a vida de roubos e furtos. Não me orgulho em relatar isso, mas era a minha única chance de sobrevivência. Passei meses na vida do crime. Escapei inúmeras vezes da morte, apesar de não me importar mais com a vida. Todavia, uma investida equivocada mudou a rota da minha sorte de novo. Cometi a felicidade de roubar um senhor.

Maria do Socorro achou estranho o modo como Marcus falou.

- Sim. Isso mesmo. – continua o tenente. – Para a minha felicidade roubei um senhor. Ele, apesar da idade avançada, conseguiu prender-me. Era um renomado general do exército. Pensei que mofaria na cadeia por anos. Pois já tinha um certo nome e fama nas cercanias. Mas o senhor José Lins, esse é o nome dele, resolveu me dar uma chance. A única verdadeira que tive em toda a minha infeliz vida. Ele me tirou das ruas, da vida do crime e dos perigos urbanos. Adotou-me.

- Obra de Deus – sugere Maria do Socorro.

- Não. Mais uma vez, uma obra do destino – retruca Marcus. - Fui criado na casa dos Lins. De repente havia ganhado um novo pai, uma nova mãe e dois irmãos. Todos me acolheram com amor e carinho. Estudei aqui no Brasil até os dezesseis anos de idade. Fui enviado para um colégio militar em Londres onde fiquei até os vinte anos. Regressei ao meu país e entrei para o exército e hoje estou como tenente.

- Uma história de vida muito triste, menino – fala a senhora. – Interessante. Você, apesar de todas as tragédias, conseguiu se tornar um homem de bem. Tem uma missão dura e difícil. Por isso lhe entrego isso.

Maria do Socorro presenteia Marcus com um terço. O jovem, que não acredita mais em Deus, aceita o presente como forma de gratidão.

- Você enfrentará o mal encarnado. E pode ter certeza que esse item abençoado salvará a sua vida.

- Só tenho que lhe agradecer, Dona Maria do Socorro.

- Vá com Deus, filho - despede-se a senhora.

Marcus sai do casarão e atravessa o pátio até chegar onde estão seus soldados.

- Aristides – fala o tenente. – Tudo pronto para a nossa viagem? Creio que já estamos um pouco atrasados.

- Sim, senhor – responde Aristides. – Mas quero apresentar-lhe Messias João. Ele será o nosso guia até chegarmos na venda do coiteiro.

- Estou à sua disposição, tenente - fala Messias. Um jagunço jovem, bem moreno e de cabelos crespos.

4 – TIRIBA E JÉSSICA TROVÃO.

O cortejo de Marcus e seus soldados prossegue através do sol escaldante do sertão. Eles têm uma nova rota, guiados pelo jagunço Messias João. Um dos comandados o Coronel Lúcio Matias.

Marcus permite que ele lidere a trupe e aproveita para conversar com Aristides.

- Cabo, gostaria de lhe perguntar uma coisa – fala Marcus. – Espero que não se incomode com o questionamento.

- Não se acanhe, senhor. Faça a sua pergunta! Um dos meus principais deveres é servir de suporte para seu comando.

- Desde que eu assumi as rédeas dessa tarefa, fiquei intrigado com uma coisa. Sei que isso é bem normal por aqui. Mas por que permitiu que uma criança nos acompanhasse nesse terreno hostil e nessa missão que promete ser muito violenta?

- O cabra não tem escolha, tenente – explica Aristides. Como sempre, o obeso senhor sofre com a ação do calor. – Pense direitinho. Você é um menino, negro, de cabelo sarará, pobre, analfabeto, nordestino e órfão. Vive nesse sertão com pouca água, comida e oportunidades. Qual o destino que escolheria para sua vida?

- Difícil responder. Não sou dessas bandas. – Marcus toma água sem parar. Seu cantil praticamente não sai das suas mãos.

- Bora, homem. A resposta não é tão complicada assim! – O cabo sempre está de posse de seu lenço para retirar o suor de sua face cheia. – Ele tem somente três escolhas. Ou vira um cangaceiro, ou um volante, como ele está agora, ou já estaria debaixo da terra. Apesar de saber que a vida de um volante é dura e cheia de violência, fico feliz em ver que ele não é um dos bandidos, que está do nosso lado. Ele é um menino bom que merece mais chances em sua vida.

Marcus pensa. Conclui que as palavras do cabo fazem sentido. No entanto, não concorda com a atuação de uma criança num ambiente perigoso e sanguinário. Ele emparelha seu cavalo com a montaria de Messias.

- E então? Falta muito para chegar na vila?

- Cavalgaremos um pouco mais, senhor - responde o jagunço. – Provavelmente chegaremos na Vila Santa bem perto do pôr do sol.

Os soldados continuam sua caminhada. Para o alívio deles, o calor vai perdendo um pouco de sua força com a chegada do ocaso. E já sem o sol para castigar suas vistas, chegam ao seu destino. Uma pequena vila com vinte casas velhas e despedaçadas, uma igreja pequena destruída pelo fogo e uma mercearia também decrepita.

- Diabéisso? Tem algo estranho aqui – adverte Josenildo.

- Também notei, soldado – comenta o tenente.

- Eita! As ruas estão desertas - continua Josenildo. - Tudo está apagado. As casas têm aparência de abandono. A igreja fechada e toda chamuscada. Somente a mercearia do coiteiro está com um pequeno lampião aceso.

Jesuíno olha para a igreja e percebe que um urubu negro está em pé nas telhas tostadas do local sacro. Sem demora se indaga. “Será que é o mesmo bicho desgraçado que nos seguia durante a manhã?”

- Olhem – fala Jesuíno. – Parece que tem uma mulé na porta da venda do coiteiro.

- Cuidado, homens – fala Marcus. – Lembrem-se: estamos num local onde as pessoas são simpatizantes dos cangaceiros. Pode ser uma armadilha.

Duzentos metros antes de chegarem na mercearia, a tropa para e todos descem de suas montarias. Com gestos e sem palavras, Marcus ordena que os homens façam uma ronda na vila. Ele pede para que Josenildo, Jesuíno e Aristides o acompanhem até a venda. Apenas Messias fica perto dos cavalos.

Ao chegarem na frente do ponto comercial, Josenildo engasga. Jesuíno tem vontade de rir. Pois constatam que a pessoa encostada na porta da mercearia não é uma dama, e sim um travesti.

- Boa noite, cidadão! - fala Marcus. Suas palavras arrancam uma pequena risada de Jesuíno, Aristides condena a atitude do volante com uma feição de reprovação. – Gostaríamos de saber se essa venda pertence ao senhor Tiriba.

- É dele mesmo, meu bem – fala de forma mole e devagar o travesti. Ele mal olha para os soldados. Está mais preocupado com as suas unhas pintadas com esmalte púrpura e com seu vestido amarelo.

- Você poderia me falar onde ele se encontra no momento? - pergunta o tenente. - Precisamos falar com ele.

- Ele está dentro de seu comércio – responde o transformista. Ele tem os olhos castanhos com uma maquiagem malfeita e fede um pouco a perfume barato. Isso incomoda os soldados, principalmente Aristides, que fica com o nariz congestionado. – Mas acho muito difícil que ele fale algo com você.

- É o que veremos – resmunga Marcus. – Aristides, você comigo. Josenildo. Jesuíno. Vocês guardem a entrada do lugar. Ninguém entra.

Marcus e o cabo adentram na mercearia. Um estabelecimento pequeno, fedido e sujo. Com poucas prateleiras, algumas garrafas de cachaça e nenhuma comida. Eles se encostam no balcão e aguardam o homem.

Entretanto, o dono não aparece. Marcus bate no balcão de madeira podre e velha. Mais uma vez, sem retorno. E quando ele ameaça gritar, um senhor de meia idade, baixo, gordo e calvo surge.

- Você é dono daqui? - pergunta Marcus. Para surpresa do tenente, o senhor nada fala. – É conhecido por Tiriba? – O cidadão apenas observa o tenente e seu cabo. – Responde logo.

Marcus fica irritado com o desleixo do homem calvo.

- Venha aqui! Saia de trás desse balcão agora – grita um nervoso Marcus.

O senhor acata a ordem do oficial. Nota-se medo e temor nas suas feições. Ao ficar de frente com Marcus, o homem é agarrado pela gola de sua camisa branca encardida.

- Onde está Cabrunco e seu bando? Como posso achá-los?

O silêncio continua tomando conta das atitudes do dono da venda. Ele apenas olha serenamente para Marcus.

A paciência já tinha abandonado o tenente. Ele abomina bandidos e seus admiradores. E odeia mais ainda quem dá suporte para criminosos. Pois essa é a função de um coiteiro. Dar abrigo, suporte, esconderijo e comida para os cangaceiros.

Numa última tentativa para obter uma resposta sobre o paradeiro dos meliantes, Marcus saca sua pistola e coloca na cabeça do homem. A atitude desmedia surpreende Aristides. Ele, até então, considerava o tenente um jovem equilibrado e prudente.

- Senhor. Deixe disso, não há necessidade aporrinhar esse pobre homem – comenta o cabo. – Podemos arrancar essa informação de outra forma. Sei que ele não está colaborando. Mas, veja como está assustado! Vixe Maria!

- Não quero conselhos, cabo – retruca Marcus. – Esse coiteiro é conivente com as ações violentas desse bando que está aterrorizando essas redondezas. Ele merece o mesmo destino deles. O tenente engatilha sua arma de fogo.

- Senhor! - fala Aristides.

Subitamente, a dupla é surpreendida com a entrada repentina do travesti na venda. Ele fica na frente do velho homem sem temer a arma do oficial.

Josenildo e Jesuíno entram desesperados, temendo pelo pior. São prontamente reprovados pelo olhar furioso de Marcus, pois deixaram o travesti entrar na loja quando a ordem era exatamente o contrário.

- Será que você não me ouviu lá fora? – questiona o travesti. – Ele não vai falar.

- Afinal, qual é o seu nome? – pergunta Marcus. O oficial ainda continua muito irritado com toda a situação.

- Meu nome é Jéssica Trovão – apresenta-se o travesti. Dessa vez os irmãos gêmeos sequer insinuam uma risada ou uma piada, pois sabem que estão em débito com o seu líder. – Não percebe? Ele não pode falar. Sua língua foi arrancada. Tiriba não é uma pessoa ruim. Ele é vítima da violência dessas terras e de suas regras.

Marcus olha novamente para o senhor. Dessa vez mais calmo. Está sem graça. Não sabia da condição de Tiriba.

- Quem fez isso com ele? – pergunta Aristides. Que tem em mãos suas anotações.

- Os mesmos homens que vocês procuram – responde com um certo tom de revolta Jéssica. – Vocês estão equivocados em relação a Tiriba. Ele não é um coiteiro. Ele foi forçado a dar suporte para Cabrunco e seu bando. Vejo que tem aversão a quem presta ajuda aos cangaceiros, mas a maioria não tem escolha. Ou ajudam os monstros ou morrem.

- E por que ele fez isso? – questiona Marcus. – Por que cedeu as ordens do bandido?

- Para salvar a maioria do povo daqui – responde o travesti. – Porém, ele pagou um preço muito alto por isso.

- Sua língua – comenta Jesuíno. – A alma sebosa arrancou a língua do pobre senhorzinho.

- Sim. Ele foi mutilado da maneira mais covarde do mundo.

Marcus olha mais uma vez para o dono da venda. Ele coloca suas mãos nos ombros do senhor. E lamenta pela sua atitude indigna e covarde.

- Peço perdão pelo meu ato irresponsável, senhor. Prometo que não lhe perturbarei mais! – Apenas com um balançar de cabeça, Tiriba aceita as desculpas de Marcus. O tenente volta suas atenções para Jéssica. - Pode falar-me como tudo aconteceu?

- Sim. – Então, o travesti começa a depor sobre o ocorrido. – Essa vila possuía pessoas tranquilas e de bem. Dentro de suas limitações e possibilidades, elas sobreviviam da maneira mais honesta. Mas, há dois dias atrás, eles apareceram. Um bando de cangaceiros. Chegaram gritando e dando tiros para o alto. Uma forma de intimidar os moradores daqui. Talvez uns cinquenta, não sei ao certo quantos eram. Eles apareceram à noite e começaram um confronto com os homens da vila.

- E Cabrunco, Pé na Cova e Terra Seca? - pergunta Marcus. – Estavam junto desses malditos invasores?

- Com certeza. Com exceção de seu líder, os outros dois se lambuzaram na carnificina. Era possível ver em seus olhos o prazer que sentiam em matar as pessoas inocentes desse lugar. Não escolhiam, podia ser qualquer um, mulheres, velhos e crianças. Todos eram alvos e vítimas da onda de assassinatos provocada por eles. Já Cabrunco somente olhava a matança. – Jéssica pega um cigarro e um palito de fósforo. – Posso?

- Fique à vontade – fala Marcus.

O travesti acende o cigarro. Dá uma tragada e continua seu relato.

- No auge de toda aquela violência, uma ordem inusitada de Cabrunco surpreendeu a todos. Os seus seguidores, menos Terra Seca e Pé na Cova, retiraram-se da vila. Foi aí que o terror e o desespero tomaram conta de todos nós. Esses cangaceiros se transformaram. Apesar de escuro, era possível ver suas bocas crescendo, seus dentes afiados, seus olhos amarelados e suas unhas virando garras.

Marcus se espantou, pois Jéssica relatava os mesmos acontecimentos que ouviu na fazenda de Lúcio Matias. O padrão de ataque era o mesmo. A história fantástica também.

- Eles praticamente dizimaram todos os homens que os enfrentaram. O que se viu aqui foi aterrorizante. A cada ataque, uma cabeça era decepada ou um membro era mutilado. Os homens atiravam para matar, não obstante as balas sequer feriam os monstros. Mulheres, crianças e velhos correram para cá. Na busca de um abrigo na mercearia. E foi aí que a vida de Tiriba mudou completamente.

Jesuíno e Josenildo percebem um tom de tristeza nas feições do senhor dono do bar. A experiência era recente demais para que o velho senhor esquecesse de tudo que passou.

- Eu trabalho com o senhor Tiriba aqui na mercearia – prossegue Jéssica - E estávamos encurralados e desesperados. Tínhamos como certa a morte. Mas uma proposta de Cabrunco surpreendeu a todos. Ele propôs uma troca. A vida de todas as pessoas ali pela língua dele. Meu patrão não pensou duas vezes e aceitou o acordo. Ele não poderia passar o resto de sua vida sendo o responsável pela morte de dezenas de pessoas.

Marcus olha para Tiriba e fica triste pelo fato. Mais uma vez, desculpa-se com o senhor:

- Perdão, senhor. Eu não sabia que tinha passado por todo esse fardo. Prometo que as atrocidades cometidas por esse trio de bandidos não ficarão impunes. Vou pessoalmente acabar com a farra dessa turma.

- Ainda não compreendeu o que está para enfrentar, moço – interfere Jéssica – O transformista dá mais um trago em seu cigarro barato e solta fumaça pelas narinas - Eles não são um bando de delinquentes comuns, de locais revoltados com a situação do sertão e de seus entes queridos. Não queria mostrar-

lhe uma coisa. Mas não terei pudor em fazer isso se for para que o senhor acredite de uma vez por todas em tudo que foi falado aqui.

Para a surpresa de todos ali presentes, Jéssica Trovão tira seu vestido cor do sol e fica só de calcinha. Uma peça íntima pequena e negra.

- Cidadão, onde quer chegar? – pergunta um furioso Marcus, que não gosta da atitude do travesti – Não há necessidade de fazer isso!

- Quero apenas continuar essa história – responde Jéssica – Entenderá que o motivo de me despir não foi para causar alegria ou constrangimento em vocês.

Mesmo encabulado, o tenente faz um gesto com a mão solicitando que Jéssica continue o relato.

- Após o meu patrão perder sua língua – continua o travesti – Cabrunco cumpriu com a sua palavra. Deixou todos as pessoas saírem do estabelecimento com vida. Porém, eu e o patrão ficamos de refém. E foi assim que a coisa ficou feia e eu comecei a me questionar sobre em que acredito ou não.

- O que ele fez? – Marcus pergunta para Jéssica. Ele olha para o lado e percebe que Aristides escreve todo o testemunho. O velho cabo mal pisca seus olhos. Escreve totalmente focado nas palavras de Jéssica.

- Eles simplesmente abusaram de mim sexualmente – fala Jéssica. Jesuíno engasga para não rir – Todos os três. Um de cada vez. Usaram o meu corpo para satisfazerem suas necessidades nefastas. Primeiro foi Pé na Cova. A cada ato, ele uivava como um animal.

Os detalhes contados por Jéssica das cenas de sexo incomodam Marcus.

- Depois foi Terra Seca – fala o travesti - Os corpos deles eram mais quentes do que de uma pessoa normal. Mas o que realmente me paralisou foi quando Cabrunco resolveu penetrar-me. No princípio, o ato era parecido com os dos seus comparsas. Contudo, algo me marcou para sempre.

- E o que foi que aconteceu de tão assustador assim, Jéssica? – pergunta o tenente.

- Cabrunco, ao tirar sua camisa, revelou um amuleto que carregava em seu pescoço. Um cordão estranho e bizarro. Uma espécie de esfera vermelha com um olho negro. Ao iniciar o ato sexual, o talismã começou a gerar uma forte luz rubra. E o olho, meu Deus, o olho parecia que estava vivo, piscava sem parar. Apesar de estar de costas para o demônio, consegui ver através daquele espelho – Jéssica mostra um espelho que está pendurado na parede à sua esquerda.

Marcus segue escutando mais uma história fantástica contada naquela região. Todavia, a cada frase do travesti, a história fica mais interessante para o tenente.

- Aí, uma coisa maligna aconteceu – Jéssica virou e mostrou as suas nádegas para os soldados.

Marcus arregalou os olhos. Nunca vira nada parecido. Imediatamente sinalizou para Aristides desenhar a cena. O veterano imediatamente começou a esboçar uns desenhos nos seus papéis. Josenildo fez ânsia de vômito. E Jesuíno, até então, com suas brincadeiras preconceituosas e descabidas, não aguentou a cena e se evadiu do local.

- O que é isso? - pergunta Marcus - O que ele fez com você?

- Cabrunco não fez nada, moço – responde o travesti - Foi o cordão amaldiçoado que agiu. Da esfera luminosa, saíram quatro pequenos tentáculos que grudaram na minha bunda. Depois que estavam fincados em mim, os tentáculos sugaram meu sangue.

Marcus olha novamente para as nádegas de Jéssica. Nelas haviam quatro pequenos furos. Dois em cada lado. Os buracos estavam inflamados e cheios de pus.

- Vista-se, por gentileza – pede Marcus.

Jéssica acata a ordem do tenente.

- Aristides. Josenildo – ordena Marcus - Podem sair. Preparem a nossa evacuação dessa vila.

Os dois volantes saem.

- Gostaria de lhe agradecer pelo depoimento – fala Marcus - Espero que se recupere logo desse trauma. Assim como o senhor Tiriba – O velho dono da venda acena com a cabeça de forma positiva.

O tenente inicia sua saída do lugar. Entretanto, a voz de Jéssica o faz parar.

- Espere mais um pouco, soldado. Quero falar uma última coisa para você. Como deve ter percebido, eu não sou daqui.

- Sim. Pelo seu sotaque. Fala muito bem. Deve ter frequentado boas escolas com bons professores.

- Sou do Rio de Janeiro – fala Jéssica – Fugi para o Nordeste, pois fui ameaçada de morte pelo meu amante. O homem temia que sua esposa descobrisse nosso caso. Ele é uma figura importante e influente naquela cidade e não queria seu nome vinculado a uma “bicha” – Jéssica acende outro cigarro. Oferece um para Marcus. Ele recusa.

- Mais alguma coisa relevante sobre os bandidos? - pergunta o tenente.

- Sim. Mas antes gostaria de lhe pedir algo. Tenho fé que você acabará com os dias de maldades dessa tríade satânica. Provavelmente, relatará para seus superiores, em detalhes, graças às anotações do seu soldado mais velho, o que aconteceu aqui.

- Sim. É o que farei.

- Quando chegou e quase matou o senhor Tiriba, confesso que fiquei horrorizada com sua atitude - fala Jéssica.

Marcus olha envergonhado para o senhor Tiriba que está na porta da venda observando o dois.

– Quero que saiba, moço, que esse povo é muito sofrido e padece demais com as consequências de toda essa violência. Abomino atos hostis, no entanto, se nossas autoridades tivessem olhado e dado todo o suporte necessário para o povo do sertão nordestino, talvez esse movimento social, ou criminoso como muitos falam, não estava tão forte e famoso como agora. As mentes que comandam o poder dessa nação só têm olhos para o que tem de melhor nessa região, que é o litoral. E esquecem do povo que passa fome e sede. Que não tem uma educação decente. E que está à mercê desses coronéis gananciosos que só querem enriquecimento às custas de uma mão de obra quase escrava. Por isso, peço-lhe com todo o carinho. Quando retornar para seu lar, não se esqueça desse povo que se sacrifica muito. O senhor Tiriba é um exemplo claro do que estou falando. Seja nossas bocas, olhos e ouvidos.

Marcus caminha ao encontro de seus soldados. Ele é acompanhado pelo olhar do travesti.

- Jéssica. Não se preocupe. Os relatos serão mostrados de acordo com o que presencio aqui. Admiro a sua coragem e força. Não é daqui, contudo luta por esse povo.

- Tenho uma última coisa para lhe falar, moço - interfere o travesti. – Muito cuidado com Cabrunco. Ele é como você. Loiro e seus olhos são claros. Ele não é daqui. Não tem motivo para fazer o que faz. Ele age somente em nome do mal.

- Obrigado. Agora devo ir. Meus homens me esperam. Só queria lhe falar que é mais macho que muito homem que tem por essas bandas.

Marcus dá um sorriso. Algo raro de ver no tenente. Ele vai embora. Mais uma vez para ao ouvir a voz de Jéssica. Que agora assume um timbre mais grave:

- Meu nome é Francisco.

Mais uma vez ele ri e segue adiante.

Marcus caminha lentamente na direção de sua tropa. Ele começa a ter dúvidas sobre suas crenças e seus valores. Ouviu relatos de pessoas totalmente diferentes. Foram coisas fantásticas, aterrorizantes e difíceis de acreditar. Não obstante, todas as testemunhas foram coerentes em suas explicações.

Tempos atrás, devido às tragédias que assolaram sua vida, perdeu sua fé em Deus. Porém, agora volta a se indagar sobre a sua religiosidade, pois se as pessoas que estão à sua volta acreditam e temem as forças malignas dos três cangaceiros,

por que não acreditar que um Deus benevolente existe e possa lhe ajudar nessa empreitada?

Ele enfia a mão no bolso de sua calça e retira um terço. O mesmo que lhe foi presenteado pela senhora Maria do Socorro. Segura firme o item sagrado e o beija. Olha para os céus, respira fundo e coloca a peça sacra no seu pulso direito como se fosse uma pulseira. É a sua forma de pedir proteção a um ser superior.

Os soldados já trotam seus cavalos bem cedo. A alvorada ainda esconde o sol. Mas, muito em breve, ele irá surgir para castigar mais uma vez os calejados corpos e as cansadas mentes desses bravos homens.

Como de praxe, Messias João encabeça a comitiva. Ele é o guia da trupe. O único que tem a noção do provável paradeiro de Cabrunco e seus seguidores. Ele é um bom rastreador. Olha todos os detalhes. Seja um galho de árvores partido, uma terra mexida ou até mesmo vestígios de um acampamento.

Marcus e Aristides cavalgam lado a lado e discutem os rumos da missão. Trocam ideias sobre os depoimentos das pessoas que visitaram.

- O que concluiu até agora dessa empreitada, cabo? – pergunta Marcus.

- Com os relatos das pessoas que visitamos, cheguei à conclusão que existem várias coisas em comum. O cabra da peste é bem coerente em suas ações. Dá a impressão que ele quer deixar sua marca aqui no sertão.

- Concordo. Pelos relatos, os ataques só acontecem à noite.

- Primeiro com todo o bando e depois somente com os três líderes. Alguma ideia do porquê? – pergunta Aristides.

- Só suposições – responde o tenente. - Se eles são realmente seres adoradores do mal, a noite deve ser o período do dia em que estão mais fortes. E é também um bom disfarce para suas formas bestiais.

- E por que eles dispensam os demais cangaceiros num certo momento da invasão?

- Acho que o ataque inicial serve mais para impressionar o inimigo. Algo psicológico.

- Vixe Maria! E as igrejas?

- Essa é uma boa questão – responde Marcus. – Não importa o tamanho, se é capela ou uma igreja de bom porte. Eles sempre as destroem.

- Trabalho de adoração à besta? – questiona Aristides.

- Acho que não. Tem uma coisa a mais em toda essa história. Não sei. De repente um trauma de infância. Mas essa sina por locais sagrados é um grande mistério. Agora, o que realmente me intrigou foram as últimas palavras da Jessica Trovão. Se Cabrunco não é natural daqui ou de qualquer outra região do sertão nordestino, por que ele abraçou a causa? O que leva um bandido a promover tamanhas atrocidades por essas bandas?

Aristides olha para o punho de seu líder e percebe que agora ele usa um terço. O cabo fica feliz ao testemunhar, mesmo que seja aos poucos, o retorno da fé de seu líder. Nesse contexto é melhor ter um comandante crente do que um

desacreditado. Contudo, um assunto delicado tem que ser informado a Marcus. E o veterano considera esse o melhor momento.

- Senhor – interfere o cabo. – Tenho que relatar algo que está incomodando muito dos nossos soldados.

- O que foi dessa vez, cabo? Mais de meus homens querem fugir com medo dos cangaceiros?

- A questão diz respeito a Messias João.

- Qual o mistério que envolve o jagunço do coronel? Descobriu que ele está aqui só para nos espionar? Disso eu já sabia!

- Não, senhor – responde Aristides. – Creio que ele esteja aqui por outras razões.

- E quais seriam elas, cabo? O que levaria um guarda-costas a seguir uma tropa de volantes aqui?

- Digamos – Aristides fica um pouco constrangido ao tocar no tema – Ele olha para nossos soldados diferente.

- Como assim? – A explicação finalmente ganha a atenção do tenente.

- Diferente, senhor. É que fico meio encabulado para tocar nessas questões. Quando chegamos na vila e avistamos Jéssica, todos os soldados teceram algum tipo de comentário ou piada sobre o travesti. Percebi, assim como alguns de nossos soldados, que ele ficou muito aperreado com as insinuações sobre Jéssica. Por muitas vezes resmungou e fez caretas dos deboches de nossos homens em relação ao travesti.

- Vocês desconfiam que ele seja...

Antes de completar a pergunta, Aristides responde seu superior, temendo que Messias escutasse a conversa.

- Sim, senhor. Bicha, baitola. Não sei como você chamam no Sul. Achamos que sim.

- Bom – Marcus olha para os céus e suspira. - Peça nossos homens que não comentem mais sobre a questão. Não quero ouvir piadas ou brincadeiras. Precisamos dos serviços dele. Se o perdermos agora por causa de escárnios, chacotas, tolices preconceituosas e machistas, talvez não consigamos completar nossa missão.

Os oficiais desbravam o ambiente quente e seco. A próxima parada é uma igreja de porte maior localizada a alguns quilômetros de suas posições. Messias João está seguindo os rastros deixados pelos cangaceiros. Tudo indica que eles vão para o local sacro.

Depois da conversa com Aristides, Marcus não para de prestar atenção nas atitudes e trejeitos de seu guia. Até que Messias para sua montaria e faz um sinal com a mão para os outros também frearem seus cavalos.

Marcus emparelha seu cavalo com a montaria do jagunço.

- O que está acontecendo, Messias? – pergunta o tenente. Ele fala bem baixo. – Por que parou de repente?

- Não foi por acaso, senhor – explica o guia. Ele protege seus olhos do sol quente com as mãos. Logo em seguida aponta para noroeste de sua posição. – Olhe mais adiante. Acho que temos visitas!

Marcus, a princípio, não enxerga. A luminosidade solar dificulta sua observação. Com alguns segundos, seus olhos já se adaptam à situação.

- São dois cangaceiros – comenta o jovem oficial. – É isso mesmo? Qual será a pretensão deles?

- Sim. São cangaceiros. E eles estão lá parados. Vigiano nossos passos. O que faremos?

- Aproximação – fala Marcus. – Mas, com muita cautela. Eles podem ser do grupo de Cabrunco. Pode ser uma armadilha.

O grupo cavalga lentamente na direção dos dois homens. Alguns soldados seguram suas armas esperando pelo pior. Marcus foca totalmente sua atenção na dupla. Ele ainda tenta imaginar qual seria a intenção dos meliantes.

Aristides guarda suas anotações e pega sua pistola. Apesar de velho e gordo, o cabo sabe reconhecer uma situação onde o pior pode acontecer.

Os irmãos Josenildo e Jesuíno vão para o final da comitiva e tentam acalmar Anu. O menino está claramente nervoso. Os gêmeos sabem que tem algo errado. Eles ficam na defensiva à espera do ataque inimigo.

A tensão aumenta com o aproximar do grupo. Marcus já pensa num acordo com os inimigos. Numa maneira de evitar um derramamento de sangue desnecessário. Cogita em oferecer um prêmio se conseguir algumas informações que leve ao paradeiro do bando. Ele vai tentar unir o útil ao agradável.

Em pé, a dupla observa a chegada dos soldados. Seguem estáticos, segurando as rédeas de seus cavalos. Um deles dá um sorriso. É o sinal que o seu companheiro precisava. Os cangaceiros sacam suas armas de fogo. Um atira com uma pistola luger. O outro usa uma espingarda.

Dois volantes caem sem vida no chão quente e poeirento do sertão. Acaba ali para eles a jornada para enfrentar Cabrunco e seus seguidores.

Os atiradores montam em seus animais e fogem do batalhão. Somem entre as estradas estreitas de areia.

Indignado com a atitude covarde do duo, Marcus trota seu cavalo para persegui-los. Ele é acompanhado pelos demais volantes.

Josenildo e Jesuíno ficam para trás. Eles desconfiam da ação dos inimigos. Anu ensaia seguir os soldados que partiram no encalço da dupla. Porém, o menino é impedido pelos irmãos gêmeos.

- Ei, caboclinho. Você fica – grita Josenildo. – Confere os presuntos aí no chão. Se ainda estiverem vivos, dê cobertura para eles. Ao contrário, recolha suas armas e mantimentos.

- De jeito manera! – gagueja o garoto escuro. – Quero seguir os outros. Vingam as mortes de nossos companheiros.

- Não estou pedindo, negrinho – retruca Jesuíno. – Fique aqui e faça seu trabalho.

Anu, com medo dos irmãos, obedece a ordem e apeia de sua montaria. Os irmãos seguem em boa velocidade seus aliados.

A caçada continua. Os soldados querem vingar as mortes de seus companheiros a qualquer custo. Os dois cangaceiros mantêm uma boa distância de seus perseguidores. Eles têm uma rota pré-definida. Avançam velozmente por entre as árvores sem folhas do lugar. Sobem um pequeno elevado até terem acesso a um campo aberto que é decorado por altas e volumosas pedras. Eles atravessam a metade do campo.

Ao chegar também ao meio da pequena planície, a trupe de Marcus é surpreendida. Uma corda é esticada por mais dois cangaceiros.

O tenente, Aristides e Messias João conseguem pular com seus cavalos. Todavia, alguns dos volantes não têm a mesma destreza. Doze tropeçam com as suas montarias e aterrissam violentamente no piso pedregoso do lugar.

Marcus para seu cavalo, olha para trás e grita desesperadamente.

- Armadilha!

Detrás dos rochedos, surgem de surpresa mais dez bandidos que começam a atirar nos volantes e seus cavalos caídos no chão. Todos são abatidos facilmente.

Os demais soldados desviam da corda, apeiam de seus cavalos e se protegem nas pedras. O tiroteio tem início de forma intensa.

Marcus, o cabo e o jagunço também buscam refúgio nas pedras.

O tenente é um oficial bem treinado e consegue abater dois inimigos. Todavia, mais três volantes são mortos pelos tiros certos dos meliantes, que possuem uma posição que lhes dá vantagem no combate.

O grupo está em desvantagem, acuado e dividido. Aristides teme pelo pior. Sabe que não sairão vivos dali caso não aconteça uma reviravolta milagrosa. O cabo olha com um certo temor para seu superior. Marcus sente a aflição dele,

entretanto mantém uma postura forte e incisiva contra os atacantes. É um meio de incentivar seus soldados no campo de batalha.

Mais dois volantes perdem suas vidas. A situação é crítica e está definida. Agora é questão de tempo para o embate acabar em favor dos cangaceiros.

No entanto, Messias ouve um barulho e olha para a entrada do campo. Ele sorri, pois tem a visão da esperança. Nem tudo está perdido para sua turma.

Josenildo e Jesuíno adentram no local da pequena guerra. Num movimento de pura coragem, Jesuíno fica em pé sobre sua montaria. Ele pula para o cavalo do irmão e pousa de costas para ele. O homem saca duas pistolas.

Não se sabe se é por coragem, loucura ou porque eles não têm nada a perder nessa vida de poucas oportunidades. Não obstante, é certo de que eles entraram no campo como um touro sem freio que fica hipnotizado com o balançar de um pano rubro. Josenildo guia com maestria sua montaria. Ele conduz seu animal, entre as pedras, de uma maneira onde nem ele e nem seu irmão sejam alvos fáceis das armas de fogo dos seus opositores.

E Jesuíno se incumbe de atirar nos bandidos. Com sua mira de águia, Jesuíno abate seis cangaceiros.

Após diminuir consideravelmente o contingente inimigo, os gêmeos descem de seus cavalos e começam um combate corpo a corpo com o que restou dos pistoleiros.

Jesuíno usa um facão e um punhal. Com a pequena arma branca, ele fere mortalmente seu adversário. E com o facão executa o golpe fatal. Pescoços são abertos com se estivesse cortando um pão para passar manteiga. Mais três oponentes perdem suas vidas devido ao ataque fulminante do homem.

Josenildo é pura ira e técnica ao manusear suas duas peixeiras. E os três malfeitores restantes também sentem o frio abraço da morte naquele sol infernal.

O urubu que sempre segue a trupe voa aos rodopios. Está alucinado com o cheiro de sangue. Anseia em descer e se banquetear com o que vai sobrar desse embate. Porém sabe que se fizer a manobra, será mais uma vítima da carnificina que presencia pelo alto.

Marcus fica impressionado com a estratégia utilizada pelos gêmeos. Se não fosse pela atuação dos dois, provavelmente o grupo sucumbiria no campo de pedras. E sua primeira missão importante estaria fadada ao fracasso.

- Senhor – grita Aristides. O cabo aponta para um elevado a trezentos metros de suas posições. – Avalie só. Eles nos observam.

Marcus olha para a direção indicada pelo veterano. Seu olhar, antes de tensão e desespero, agora muda para raiva e ira. E lá estão Cabrunco, Pé na Cova e Terra Seca, olhando toda a batalha sangrenta. Como se fossem espectadores de uma arena romana, aplaudindo e gritando pelos gladiadores que se matavam para

trazer calma e sossego para o povo. Montados em seus cavalos, eles se evadem do local.

- Malditos – resmunga Marcus. – Aqueles facínoras orquestraram essa emboscada. Tudo para analisar nossa capacidade e força militar.
- O que faremos? Vamos segui-los?
- Não. Vamos enterrar nossos companheiros. Eles merecem um enterro digno.

Depois de uma luta sanguinolenta, na qual Marcus perdeu muitos de seus comandados, o grupo acampa e se prepara para a chegada da noite. Quatro volantes vigiam os arredores do acampamento. Eles não querem mais surpresas pela frente.

Como sempre, a tenda de Marcus fica afastada do resto. Ele prefere desse jeito. Nessas horas, costuma refletir sobre o que aconteceu e planeja suas ações para os dias seguintes. Só que ele não está sozinho. Sentado numa esteira, ele conversa com o cabo Aristides.

- Dia difícil do créu, senhor! – comenta Aristides.
- Sim, cabo – confirma o tenente. – Mas, tenho que admitir, se não fosse pela atitude dos gêmeos, estaríamos mortos.
- Eles conhecem como ninguém essas bandas. Reparou numa coisa em Cabrunco e seus comparsas?
- Sim. De cima daquele pequeno morro, seus olhos brilhavam como de animais selvagens.
- Será que aceitamos um trabalho que, não iremos completar? Nunca participei de algo assim. Sei que a vida no sertão não é fácil. Nosso trabalho é muito difícil. Pois temos que caçar aquele galego e seus parceiros, e ainda tem uma parte da população prefere simpatizar com o outro lado. Mas, algo sobrenatural? Monstros? Culto ao tihoso?

- Também me faço questionamentos. Coloquei em xeque as minhas crenças. Mas temos que voltar ao foco do objetivo – fala Marcus. O jovem oficial segura seu cantil e, em poucos intervalos de tempo, bebe água.

E então ele pergunta:

- Josenildo e Jesuíno, eles já foram cangaceiros?
- Sim. Seus dois melhores soldados já andaram por esse sertão desafiando as leis e os temíveis coronéis.
- Impressionante. Eles agem como se fossem soldados com treinamento especial. Um completa o outro no calor do combate.

- A escola deles foi aqui, senhor. Passando fome, sede, sentindo o tapa forte da violência desde pequenos. Chance zero em oportunidades com tragédias sempre batendo em suas portas. Foram criados por cangaceiros. Seus pais morreram precocemente. Vítimas das ações criminosas de um dos coronéis da região. Tudo por um mísero pedaço de terras que não influenciava no patrimônio do fazendeiro.

- Como o Lúcio Matias?

- Uma coisa você tem que aprender por aqui, senhor – adverte Aristides. O velho acerta seus óculos no rosto e olha fixamente para seu superior. – Os coronéis não são santos e nem estão preocupados com a manutenção da ordem no sertão. Lucio Matias passa por uma tragédia. A perda de um filho arranca uma parte do coração e da alma de qualquer um, até mesmo de um murrinha. Seja ele bom ou mau. Mas, Lúcio é um coronel. Nomeado e oficializado pelo Governo. Porém, ele sempre usou de seu poder e influência para buscar enriquecimento e status. Ser o suprasumo dessas terras. Apesar de lhe receber como um filho em sua casa, o coronel torce para nós acabarmos com Cabrunco. Só assim ele poderá voltar a tocar seus negócios como sempre fez. Comprando terras, sob coação, a preço de banana e pagando mingua para os lavradores. Mas, voltando ao assunto. Josenildo e Jesuíno caminharam com os cangaceiros até atingirem a adolescência.

Marcus faz uma pausa para refletir. Ele chegou no sertão com crenças, ou a falta delas, e convicções. Contudo, a cada testemunho ou conversa, o tenente percebe que a história que até então pensava conhecer sobre as pessoas daqui é totalmente diferente. O senhor Tiriba e os gêmeos são a prova disso.

- E o que os motivou a mudar de lado nessa história? - pergunta o tenente.

- Oxente! Não é obvio? Traição, senhor! Essa é uma terra de confrontos e mortes por causa da ganância dos homens. O bando que eles pertenciam foi encurralado por um grupo de volantes. Essa turma era chefiada por um tenente de nome Gregório. Um peba desgraçado. Sujeito traçoeiro e repugnante. Queria ter no seu currículo a captura ou morte de um cangaceiro. E, para conseguir seu intento, subornou o líder do bando delinquente ao qual os gêmeos pertenciam.

- E o que ele fez? O que ganharia com isso?

- Entregou os gêmeos como prêmio do oficial. Em troca, o perdão dos seus crimes e muito ouro. Só que o plano não deu certo. Josenildo é o cabra da inteligência. Enquanto que Jesuíno é o braço forte. Eles conseguiram escapar. Mataram o tenente rabo preso e logo depois o líder de seu bando. Acuados e perseguidos pelos outros cangaceiros, eles fizeram um acordo com as autoridades legais em troca de proteção.

- Foi aí que eles viraram volantes?

- Sim – responde o cabo. – E desde então, são responsáveis por inúmeras apreensões e execuções de cangaceiros.

Marcus olha para o acampamento e faz um sinal para Aristides.

- Ele está chegando - comenta o cabo.

- Reparei – fala Marcus. – Assim que ele chegar, eu quero que você saia. Vou conversar com ele sem a interferência de vocês.

- Tato para conversar com ele, senhor! Precisamos muito de sua ajuda. Vou simbora, por enquanto.

- Pode deixar.

Após as palavras de Marcus, Messias João chega na esteira. Tem uma garrafa de cachaça na mão e a pistola na cintura. Assim que o jagunço senta, Aristide se levanta, cumprimenta o homem e sai do recinto.

- Uma lapada, senhor? – Messias oferece aguardente para Marcus.

- Não, obrigado. Prefiro ficar com a minha água – Marcus levanta o cantil.

- Tudo bem.

- Então, homem – inicia os questionamentos o tenente. – Qual será nossa próxima parada?

- Ao amanhecer, iremos para uma pequena cidade chamada Flores. No alto de um morro tem uma igreja e o padre nos dará algumas pistas que serão fundamentais na caça de Cabrunco.

- E por que o padre nos ajudaria?

- Porque ele tem pavor dos cangaceiros. Mas, não vim aqui para discutir nosso destino de amanhã ou as simpatias do sacerdote.

- E o que quer pleitear?

- Hoje pela manhã, antes da emboscada que sofremos, escutei a sua conversa com o cabo a meu respeito. Juro que não queria, mas ao ouvir o meu nome foi inevitável.

Marcus fica constrangido ao descobrir que Messias escutara seu diálogo com Aristides a respeito de sua sexualidade. No entanto, disfarça e prossegue com a prosa.

- Se sou o que vocês pensam? – o jagunço prossegue – sim! Estou nesse grupo não por causa do coronel, mas para vingar a morte de Lino.

- Você e o filho do coronel...

Antes que Marcus completasse sua pergunta, a resposta veio.

- Sim. Éramos mais que amigos. Unha e carne, se é que me entende! – Marcus apenas balança a cabeça. – Após o meu retorno da viagem de negócios junto com o coronel, meu mundo caiu. Só me responsabilizava por não estar ao lado de Lino quando ele mais precisava de mim. Vê-lo esquartejado dentro daquela capela foi a pior coisa que já me aconteceu – Messias toma um bom gole na garrafa de cachaça e respira fundo. – Naquele momento, algo em mim havia morrido e

desde então não penso em outra coisa. A não ser a vingança. Quero que você faça uma coisa para mim. Um favor.

- O que deseja, rapaz? – pergunta o tenente.

- Não me faça ir embora só porque descobriu a minha opção sexual. Prometo que serei o mais discreto possível para não atrapalhar a empreitada. Não ligue para as potocas dos seus soldados.

- Só que você não está sendo - retruca Marcus. – Preciso dos meus homens totalmente concentrados na missão. Centrados em achar Cabrunco e seu bando. O encontro com Jéssica Trovão já foi um acontecimento.

- Juro que serei mais reservado nas minhas opiniões. Se tiver que falar ou reclamar de algo, eu me reportarei diretamente para o senhor. Só quero a chance de acabar com a raça daquele energúmeno.

- Tudo bem. Darei essa oportunidade. Desde que você me leve ao encontro da besta. Sempre encarei a missão como um trabalho a ser feito para o meu país. Todavia, agora também faço por nossos aliados que morreram naquele campo de pedras.

Os cavalos marcham lentamente. Mais do que o normal. O calor castiga muito a comitiva de Marcus Alves.

O sol está mais quente que nos outros dias. Pelo menos é a impressão do tenente e seus volantes.

O cabo Aristides parece que vai explodir. O velho soldado está vermelho como o interior de uma melancia. Está sem seus óculos. Cansou de ficar limpando o suor deles. Achou mais conveniente enxergar pouco do que visualizar uma cachoeira descendo de sua testa e inundando seus olhos enrugados.

Jesuíno ainda resmunga da presença do urubu. Estressado devido ao calor, não para de olhar para cima e xingar a ave.

Josenildo olha para seu irmão e não consegue entender como ele perde seu tempo soltando palavrões para um animal irracional.

Como prometido, Messias João guia a trupe. Mal olha para seus companheiros. Quer evitar um constrangimento com eles.

Marcus aprova a postura do jagunço. Emparelha sua montaria com a dele.

- Hoje o calor está pior do que nos outros dias - comenta o tenente.

- Esse calor fodeu a tabaca de chola! – fala Messias. – Mas, fique tranquilo estamos quase no nosso destino. Olhe mais adiante.

O tenente olha e identifica uma construção em ruínas.

- Você me disse que a igreja se localiza no alto de um morro. O que eu vejo é uma velha construção caindo aos pedaços. Pelo menos boa parte dos muros está intacta.

- Não se aperreie. Pensei que poderíamos montar uma base ali – retruca Messias. – Agora que Cabrunco sabe que estamos no seu encalço, é melhor ficarmos em lugares não tão abertos. Onde haja o menor risco para emboscadas.

- Ótima ideia – parabeniza Marcus.

O grupo chega no imóvel em pedaços e apeia de suas montarias. O muro tem poucas avarias. O portão da frente está todo destruído. Existe um poço no meio do pátio. Anu se adianta e verifica o buraco. Ela dá um enorme sorriso branco. O jovem possui todos os dentes bons e sadios.

- Óia! Tem água aqui.

Os homens ficam aliviados com a notícia. Muitos agradecem aos céus pela bendita água. Vários circundam o poço para encher seus cantis.

Josenildo averigua o interior da base e também anuncia boas notícias.

- Encontrei alguns quartos com camas. Os colchões estão bons. É só colocar nossas roupas de cama neles.

Mais uma uníssona comemoração acontece. Depois de um dia anterior intenso, cheio de violência e mortes, bons ares sempre são bem-vindos. E os soldados aproveitam esse raro momento.

O cantil do tenente não para de trabalhar. O homem sempre bebe muita água. Entretanto, tem que interromper sua bebida com a chegada de Aristides e Messias.

- Fale para o tenente onde estamos, Messias – pede o cabo.

- Eita! Se aclame, homi. Esse lugar é cheio de lendas e contos – explica o jagunço. – Mas, provavelmente você nunca deve ter ouvido falar desse. Você já ouviu falar de Primo Anastácio?

- Não – responde Marcus, de forma seca. – Quem seria esse? Um cangaceiro?

- O povo fala que Primo Anastácio foi o primeiro cangaceiro surgido no sertão. Contam que foi ele que inspirou outros a seguirem o caminho do banditismo. Considerado uma lenda e adorado por muitas pessoas. Essa adoração tinha um motivo único. Primo nunca ficava com nada de seus saques e roubos. Ele distribuía tudo com o povo. Comida, bebida, dinheiro, roupas e armas. Isso incomodou muita gente. Tentaram de várias formas acabar com a sua vida. Mas, ele sempre escapava. Por fim, ele foi traído pelo seu braço direito. Uma cabra ruim. Uma punhalada pelas costas. Ele conseguiu fugir, sumiu e ninguém jamais encontrou o seu corpo.

- E o que tem a ver a história desse bandido conosco? - pergunta Marcus.

- Vixe Maria! Não percebeu? Estamos na casa dele – responde Messias. – A igreja fica logo ali. – O jagunço aponta para o alto de um morro. – Descendo a igreja fica a cidade de Flores.

- Bom - interfere Marcus. – Faremos o seguinte. Os homens descansam. Eu, o cabo e Anu vamos para a igreja. Messias, Josenildo e Jesuíno se encaminhem para a cidade. Precisamos de mantimentos. E Aristides?

- Sim, senhor!

- Fale para os gêmeos se vestirem com roupas de civis. Não quero um confronto com cangaceiros que estejam de passagem pela cidade. Isso pode comprometer nossa localização.

No alto do morro, surge imponente a igreja construída em homenagem a Nossa Senhora da Conceição ou Imaculada Conceição, como alguns preferem citá-la. Um santuário velho com paredes brancas e encardidas. Um grande crucifixo de madeira e uma porta velha de madeira trancada dão boas-vindas aos visitantes.

Marcus, Aristides e Anu chegam ao local sacro. Olham ao redor do lugar. Analisam uma possível armadilha feita por Cabrunco. Finalmente, constataam que naquele momento suas vidas não correm perigo.

- O lugar parece deserto – comenta o tenente.

- Sim. Mas, sentem a catinga? – questiona o cabo.

- Algo podre e sangue. São odores que exalam do interior da igreja. Será que ela foi alvo de um dos ataques hereges de Cabrunco?

- Se ele estiver seguindo o padrão que traçou, provavelmente sim – explica Aristides. – No entanto, não existem marcas de vandalismo ou destruição.

O trio desce de suas montarias.

- Vamos entrar – ordena Marcus. – Anu! – O oficial olha para o garoto. - Você fica para tomar conta de nossos cavalos e para evitar que alguém efetue um ataque de surpresa.

- Sim, senhor - acata a ordem o menino negro.

Marcus e Aristides sacam suas pistolas e vagarosamente iniciam uma invasão ao templo cristão. Não obstante, antes que eles cheguem na porta, uma voz no interior do recinto interrompe a caminhada.

- Não se preocupem - fala a voz. – Os bandidos foram embora faz um bom tempo e prometeram não retornar mais aqui. Estou saindo. Espero que não atirem em mim.

Mesmo com o pedido de uma voz serena, a dupla ainda mantém suas armas engatilhadas.

Então, um homem moreno, bem alto e de batina sai do lugar.

- Muito prazer. Meu nome é José Bento.

A cidade logo abaixo da igreja ferve de gente. Possui um comércio pobre, porém bem movimentado.

Josenildo, Jesuíno e Messias se misturam à população. Não querem chamar muita atenção, pois já passaram por vários cangaceiros no mercado local. Não pretendem correr riscos. Não desnecessariamente.

- Bora lá! Temos que arranjar comida e munições – fala Messias. - Poderíamos nos dividir. Cada pessoa busca um item. Assim sairemos daqui mais rápido.

Os gêmeos mal dão atenção para as palavras do guia. Alguém poderia insinuar que a desatenção é causada pela rivalidade entre os volantes e os jagunços. Contudo, os olhares dos soldados estão voltados para a porta de um prostíbulo.

- E aí? - pergunta Josenildo. – Encaramos?

- Por que não? – responde Jesuíno com outra pergunta. – Afinal, temos o dia todo para isso. E as quengas e as periguetes nos aguardam.

Os irmãos entram na casa de massagem e sequer dão satisfação para Messias.

- Visse – comenta para si mesmo o jagunço. – Fazer o quê? Eu mesmo vou arrumar os mantimentos. Deixe os meninos esfolarem suas bilocas.

Na frente do templo, o padre inicia uma conversa com o trio.

- Esperava a sua chegada, oficial – fala o sacerdote.

- Estranho. Não sabia que você me conhecia! – comenta Marcus.

- E não conheço. Ele falou que, mais cedo ou mais tarde, você apareceria e faria perguntas sobre ele.

- Cabrunco – resmunga o tenente. – O criminoso quer sempre dar um passo a nossa frente.

- A besta. Ela esteve aqui na igreja de Nossa Senhora. Sugeriu-me um pacto e eu aceitei.

- Por que negociaria com o diabo? - pergunta Aristides. – O que o senhor ganharia com isso?

- Nada. Unicamente para salvar as almas que estão lá embaixo – o padre José Bento fixa seus olhos castanhos e aponta em direção à cidade. – Duas mil pessoas. Não tinha como eu negar o acordo. Evitei uma chacina em grande escala.

- E qual foi o teor dessa barganha, padre? – questiona Marcus.

- Para saber terá que entrar comigo na igreja. Mas, vou logo avisando, tem que ter o estômago forte. O que verá lá dentro é um absurdo.

- Vamos então.

O trio ensaia a entrada pelo portão de madeira, mas é contido por José Bento.

- Somente o líder – fala o sacerdote. O padre estende seu braço esquerdo impedindo a passagem dos soldados. – Foi uma das exigências do demônio.

O cabo olha para seu superior. Um olhar de desaprovação. Todavia, Marcus faz um sinal positivo para ele, demonstrando que irá sem nenhum tipo de problema. Ele está curioso para saber o que tem de tão terrível no interior do lugar.

- Como você quiser, padre.

Os dois entram na igreja. Aristides e Anu sentam na porta e apenas aguardam a volta do jovem oficial.

No interior do santuário, Marcus olha horrorizado para as paredes. Antes de tecer algum comentário, o padre explica a situação.

- Isso foi obra dele, meu filho. Cabrunco queria deixar um recado para você. Lembrar-lhe de quem está caçando quem.

- E conseguiu - comenta o oficial. – Isso é simplesmente horripilante. Fez bem em não deixar os outros dois entrarem, principalmente o menino.

- Ele não conhece o seu nome, mas sabe que é o responsável pela sua caçada.

- Meu nome é Marcus Alves, padre. Vim do Sudeste para caçar a besta.

- Também sou da região Sudeste, jovem Marcus. Ainda há tempo de desistir disso tudo. Cabrunco não é um ser humano normal. Ele é puro mal. Pessoas comuns cometem pequenos abusos e pecados. Geralmente se arrependem disso. Mas, ele é diferente. Gosta de praticar maldades. Parece que vive só para fazer ruindades.

- Já fui longe demais para desistir. Agora vendo o que ele fez aqui, tenho que detê-lo a qualquer custo. Antes que cometa mais atrocidades.

Marcus olha pasmado para as paredes. Elas estão decoradas com os cadáveres dos cangaceiros que foram mortos pelos soldados do oficial no campo de pedras.

- Foi isso que fiz para evitar a morte das pessoas na cidade – continua sua explicação o padre. – Um a um eu os crucifiquei. Já estavam todos mortos. Foram trazidos aqui à noite. Todos arrastados por cordas. Foi quando bateram à porta. Graças a Deus estava só nesse horário. Ele chegou gritando e resmungando. “Se ele pode enterrar os seus, vou enterrar os meus em solo sagrado.”

- Fardo pesado, padre - comenta Marcus. – Fazer um velório macabro dentro da casa de Deus.

- Uma noite de sacrifícios em prol do bem-estar das pessoas. Algo com o qual posso conviver tranquilamente pelo resto dos meus dias. Mas vejo que ainda está convicto em continuar sua missão.

- Vou até o final. Custe o que custar.

- Deixa eu te aconselhar, filho.

- Fale. Desde que estou aqui no sertão, só tenho ouvido conselhos.

- Por isso que está vivo até agora. Por ser um bom ouvinte. Então escute o que eu tenho para falar. Cabrunco e seus dois amigos não são pessoas normais. Eles carregam algo maligno em suas almas. E esse destino, de forma maléfica, os fortaleceu. Apenas com coragem, homens e armas, você não conseguirá detê-los. Ele aguarda sua chegada. Fará de sua tropa um exemplo. Quer mostrar para toda a

nação que seu bando não se curvará aos desejos de um estado, uma ideologia ou um coronel qualquer.

- E o que quer que eu faça? - pergunta Marcus.

- Simples. Você tem que combater o sobrenatural com algo também sobrenatural.

- Pacto com o tnhoso? Fora de cogitação.

- Paciência, jovem. Nem todas as coisas sobrenaturais são amaldiçoadas.

O padre José Bento retira uma pequena faca de sua batina esverdeada. Ele caminha na direção de um dos corpos crucificados. Puxa o braço de um dos mortos e corta um pequeno pedaço de carne já em estado de putrefação.

Marcus estranha a ação do padre.

- O que pretende com isso? Magia negra?

- Não. Por essas redondezas, as pessoas contam sobre uma lenda, um homem. Um ser. Ele é conhecido por Tião Urubu. Falam que o sujeito é tão velho quanto o sertão. Que aparece raramente em campos onde foram travadas batalhas violentas e leva os corpos deixados para trás. Contam que é seu alimento. Que é o segredo da sua longevidade.

- Um velho canibal?

- Talvez. Mas se tem alguém que pode lhe ajudar a encontrar um artefato sobrenatural para enfrentar Cabrunco, esse alguém é Tião Urubu.

- E como acharei seu esconderijo? Aposto que não é fácil encontrar o velho!

- Pegue esse pedaço de carne morta.

Com um pouco de anseio, Marcus pega o pedaço de carne. Incomoda-se com o fedor da carne podre.

- Quando vocês chegaram aqui, reparei que um urubu fazia uma escolta aérea.

- Essa ave tem nos seguido há dias. Alguns de meus soldados estão muito incomodados com a sua presença.

- E não foi à toa que ele acompanha sua trupe. Você deseja encontrar Tião Urubu e o velho também quer vê-lo. O urubu é a prova disso. Vá lá fora. Dê o pedaço de carne para o urubu e ele lhe levará ao encontro de seu mestre.

- Como sabe disso tudo, padre? Aposto que não aprendeu na Bíblia ou nos livros sacros!

- Há coisas que você não precisa saber. Apenas faça o que lhe oriento e você encontrará o velho.

- Antes de partir, gostaria de lhe pedir uma coisa, padre – fala Marcus.

- O que deseja, meu filho? Em que posso ajudar?

- O garoto lá fora. Eu queria que ele ficasse com o senhor aqui. Gostaria que o criasse dentro da fé católica. Ele é uma criança com treze anos de idade, negro e analfabeto, já vivenciou violência demais precocemente. Não vai durar muito tempo se continuar nessa vida. Ele é um bom menino. Talentoso em fazer comidas. Um excelente potencial a ser explorado. E quando fizer dezoito anos, envie uma carta para meu pai – o tenente tira um papel do bolso de sua farda. Nele contém o endereço de sua casa. – Ele saberá o que fazer com Anu. Para você ter uma ideia, eu nem sei seu verdadeiro nome.

- Farei isso por você e pelo menino. Aqui ele estará em boas mãos e longe das maldades desse sertão. Agora vá e encontre um meio de acabar com as maldades de Cabrunco.

Marcus sai da igreja. Imediatamente Aristides e Anu se levantam. Ele vira para o menino e ordena:

- Tire sua farda e largue suas armas no chão. Entre na igreja. Esse é o seu novo lar.

Anu, sem qualquer tipo de questionamento, acata as ordens de seu líder. Sem dizer uma palavra ele abre a porta da igreja. Entretanto, antes de entrar, ele corre na direção de Marcus e o abraça.

- Obrigado, senhor – fala Anu. O garoto está com os olhos marejados. – Não sei como agradecer o que está fazendo por mim.

- Vá, filho, e tenha uma nova vida. Em breve nos encontraremos. Pode ter certeza disso. Nossos caminhos ainda se cruzarão num futuro bem próximo.

Anu solta Marcus, despede-se de Aristides e entra na igreja.

- Ato nobre, senhor - comenta o veterano.

- Depois falamos disso, cabo – interrompe o tenente. – Agora tenho que partir. Tenho uma longa jornada pela frente.

- Como assim, senhor? Para onde vai?

Marcus aponta para o urubu que está em pé no telhado da igreja.

- Ele vai guiar os meus passos.

Marcus monta em seu cavalo, pega o pedaço de carne e oferece para a ave. O urubu pula do telhado e plina até chegar no braço direito do tenente. Prontamente é presenteado com o pedaço de carne necrosada. Ali mesmo o alimento é digerido pelo animal alado. O bicho levanta voo e Marcus começa a segui-lo.

- Se eu não retornar em dois dias – fala o tenente – Dispense os homens e efetue seus pagamentos. Sinal de que a missão fracassou.

- Para onde vai?

- Encontrar um meio de ganhar essa luta.

7 – TIÃO URUBU.

O tenente Marcus Alves cavalga numa boa velocidade. O calor já não é mais um incômodo físico para ele. Ele foca apenas na ave que lhe serve como guia. Não pode perdê-la de vista. Fracasso aqui significa uma coisa: a morte.

Chegou no sertão com um objetivo traçado. Encontrar e acabar com a vida de um cangaceiro e seu bando. No entanto, o jogo virou e a sua sorte acabou. De caçador virou caça. Cabrunco e seus aliados sempre estão um passo à frente do jovem oficial e seus corajosos volantes.

De sua montaria, ele percebe que o urubu começa a baixar a altitude. Sinal de que estão chegando a seu destino. A moradia de uma lenda da região. O mito conhecido como Tião Urubu.

De longe, Marcus avista uma caverna camuflada entre pedras. Logo pensa: “Um excelente esconderijo para quem não quer ser encontrado”. E seu raciocínio estava correto, o animal entra na caverna e some nas sombras interioranas do local.

Domando seu cavalo, o tenente diminui a velocidade até o animal parar. Ele apeia, encontra uma árvore seca, amarra seu cavalo e saca sua pistola. Olha para a entrada sinistra e constata que existem guardiões. Cinco jararacas-da-seca vigiam o lar de Tião Urubu. Animais perigosos e peçonhentos.

Marcus está frustrado, pois não sabe como entrar no recinto com as cobras venenosas ali. Ele anda de um lado para o outro. Olha para os répteis, que se incomodam com a sua presença. Coloca a mão no queixo. Observa novamente os animais e torna a andar para refletir. Então, toma uma decisão corajosa.

- Se ele está esperando pela minha chegada – fala Marcus para si mesmo – vamos ver se dará certo.

Ele caminha na direção das jararacas. As cobras tomam uma postura ameaçadora, prontas para dar o bote em sua presa.

- Devo estar louco. O que o velho general José Lins pensaria a respeito? Seu filho, um oficial de carreira que estudou no colégio militar mais famoso de Londres, entrando numa caverna escura rodeada de cobras.

Caminhando vagorosamente e com muita cautela, o tenente se aproxima da entrada da caverna. E, para sua surpresa, os animais saem de sua frente e permitem a sua passagem.

Aristides chega na velha casa abandonada de Primo Anastácio. O lugar serve de base para os soldados de Marcus. Logo os volantes ficam preocupados, pois

saiu um trio em direção à igreja pela manhã e somente um retornou.

- Senhor – fala um dos soldados. – Onde está o tenente e o moleque Anu?

- O tenente saiu numa missão secreta, soldado – responde o cabo. Ele apeia de sua montaria com auxílio de um dos volantes. – Obrigado, soldado. O tenente deve regressar pela manhã. Não se preocupem.

- Enquanto o negrinho? - questiona um outro volante. – O que aconteceu com ele?

- O cabrinha Anu não faz mais parte dessa comitiva. O tenente dispensou seus serviços. Ele está bem. Serve agora o padre da igreja do morro. Mas, onde está Josenildo, Jesuíno e Messias? Não os vejo!

- Eles ainda não voltaram da cidade – responde um dos soldados.

- Bom! – comenta o velho cabo. – Temos até amanhã para esperar os retornos do tenente e dos rapazes. Enquanto isso, vou colocar as minhas anotações em dia.

Marcus Alves caminha pelo interior da caverna. Um lugar estranho e assustador. Ele entra por um túnel e várias raízes pontiagudas são os obstáculos naturais que dificultam sua passagem. O tenente terá que atravessar o corredor se quiser chegar do outro lado da galeria subterrânea.

Dessa vez, as raízes não aliviaram sua rota, assim como fizeram as jararacas-da-seca. Pequenos arranhões e escoriações flagelam o corpo do oficial, mas nada que possa impedir sua travessia.

Ao final do túnel, ele se depara com um corredor. Dessa vez mais espaçoso e sem obstáculos que lhe causam ferimentos. Não obstante, a visão que tem do ambiente não é nada confortável. Centenas de urubus se banqueteiavam com os corpos de homens mortos. Os olhos são os itens preferidos e os mais disputados entre os animais.

O fedor está impregnado no local. Marcus tira um lenço branco de sua farda e coloca sobre o nariz. Nem isso ameniza o cheiro de carne podre e excrementos que poluem todo o cenário. Porém, o tenente continua a sua caminhada. Está focado e convicto de que nada lhe impedirá de encontrar o homem conhecido como Tião Urubu.

Os urubus não se incomodam com a presença dele. Nem se sentem ameaçados na hora do banquete. O oficial passa ao lado das aves tranquilamente. Ele constata que a maioria dos cadáveres que servem de alimento para os bichos é de cangaceiros. Provavelmente mortos em batalhas contra as forças governamentais.

Um corpo não é alvo das bicadas dos urubus. Marcus para na frente dele e se abaixa. Averigua seu chapéu de couro com moedas de prata e sua roupa também em couro. Por último, mexe na capanga do morto. E da bolsa de couro, retira remédios que podem ser úteis para a sua tropa. Contudo, também pega uma brilhantina. Nunca imaginaria que seus inimigos, acostumados a enfrentarem as mazelas do sertão, seriam vaidosos.

Após pegar os pertences do defunto, ele sai do túnel e chega numa espécie de sala com paredes de pedra. O compartimento é bem iluminado. Ele é todo cercado por tochas que parecem estar sempre acesas. Existe apenas um único móvel. Uma cadeira de madeira velha. E sentado nessa cadeira, encontra-se o homem que Marcus procurava. O misterioso Tião Urubu.

O velho sorri, com dentes brancos e perfeitos, ao notar a presença do jovem oficial no interior de seu cômodo.

- Você deve ser Tião Urubu – afirma Marcus.

O senhor idoso se levanta da cadeira. Não parece contente. Ajeita sua camisa preta de botão e, com o auxílio de um cinto feito de cordas, acerta sua calça também em tons de ébano. Ele pega um cajado de madeira que estava encostado na cadeira. O bastão tem um crânio de urubu em sua ponta.

- Vá pegar em bomba! Detesto que me chamem assim, garoto – reclama Tião. O velho homem fita o oficial com um olhar negro como a noite – Meu nome é Sebastião Alcântara. - Apesar de senil, Tião anda sem dificuldades na direção de Marcus.

Apesar de senil, Tião anda sem dificuldades na direção de Marcus.

- Desculpe a minha indelicadeza, senhor Sebastião. Prometo que não lhe faltarei mais com o respeito. Mas vou direto ao assunto. Por que me seguiu esse tempo todo?

- Está aperriado? Todos que entram nessa região, não passam despercebidos por mim. – Tião continua olhando o tenente e de cima embaixo. - Cheiro arretado.

Apesar de viver num antro de morte e podridão, Marcus nota que o dono do lugar não fede. Muito pelo contrário, ele usa um perfume bem cheiroso e está sempre limpo.

- Não postergue nossa conversa – reclama o jovem soldado. – Deixei meus soldados sem comando só para vir aqui.

- Por que tanta impaciência? – pergunta o velho. Sua cabeça cheia de caroços e sem cabelos não para de suar. – Teremos uma prosa sim. Mas, antes que eu decida se vou ajudar, você precisa me dar algo em troca. É assim que trato meus diálogos. Cada prenda que recebo é uma dica que poderá salvar sua vida contra Cabrunco e seus comparsas.

Marcus para e reflete. Ele deve arrumar brindes para satisfazer as vontades desse estranho indivíduo. Todavia, o que? Do que ele gosta? Um estalo faz com que o tenente se lembre que o velho é vaidoso e gosta de perfumes. Sem demora, ele tira de seu bolso um frasco com perfume.

É nítido o olhar de fixação de Tião ao ver a botelha de vidro. Ao perceber isso, Marcus começa a barganhar com a criatura.

- Está vendo esse perfume? – O tenente mostra a peça para Tião. Os olhos do velho brilham e sua boca se abre. – Essa fragrância é muito especial. Ela vem do Velho Mundo. Conhece o Velho Continente, Sebastião? Ela é proveniente de um povo que fala uma língua denominada de francesa. Será seu se me der informações valiosas.

Para a surpresa do tenente, o homem arranca o perfume de sua mão. Tamanha foi a velocidade que foi impossível evitar a ação do velho.

Tião leva o frasco para um canto do cômodo, abre o frasco e cheira o líquido. Ele volta e encara Marcus. O jovem se sente apreensivo, pois não sabe o comportamento ou a reação do homem.

- Apesar mal-assombrado – fala Tião. – Cabrunco foi um cabra comum. Não os conseguiu do nada. Alguém ou algo transformou um indivíduo totalmente desconhecido e insignificante, numa máquina de matar temida por todo o sertão. Defenda-se do espantoso com o anormal. O líder dos cangaceiros é poderoso, quase indestrutível, mas não é imortal.

- E o que devo usar para combatê-lo?

Tião Urubu nada fala. O silêncio toma conta do recinto.

- Vamos, homem – fala Marcus. – O que posso fazer para acabar com ele?

- Uma dica. Um presente.

“Droga”! Marcus pensa. “O que eu posso oferecer para o velho agora”? Ele já não tem mais nada de interessante para efetuar a troca.

- Você deve ter algo que me agrada! – pressiona Tião.

Marcus quase perde as esperanças, mas lembra-se da brilhantina que pegou do corpo moribundo do cangaceiro. Ele vai dar uma última cartada. Sabe que o velho não tem um pinga de cabelo na cabeça. Mesmo assim vai arriscar.

- Esse é bem especial. Com certeza vai gostar.

O oficial dá o pote de brilhantina para Tião. O velho pega o item, abre e cheira. Passa o dedo e verifica a textura do creme. Seus olhos semicerrados ainda desconfiam da prenda ofertada pela sua visita, ele cheira mais uma vez e solta uma gargalhada.

Marcus se frustra. Sabe que não conseguiu ludibriar o sujeito. Entretanto, o comentário a seguir muda sua opinião. Um alívio para quem, até agora, estava tenso.

- Veja como fico esbelto com isso! – fala Tião. Ele passa a brilhantina em sua careca. O fixador deixa seu coró brilhoso. Marcus prende o riso, pois sabe que se não fizer isso, provavelmente não sairá com vida da caverna.

- Não lhe falei que ia gostar?

- O melhor presente que já ganhei até hoje! – Após o comentário, Tião retoma suas explicações. – Você já ouviu falar em Primo Anastácio?

- É o nome que mais ouço nos últimos dias. Sujeito famoso. Roubava dos gananciosos coronéis para dividir com o seu povo sofrido.

- Então, cabra macho. Se sabe sua história, então vou direto ao assunto. Primo era um homem dividido entre o bem e o mal. Caminhava pela linha tênue entre os dois mundos. Bondoso e porreta com seu povo. No entanto, cruel e terrível contra seus inimigos. Em batalha, ele tinha o corpo fechado. Nenhum tiro, ferimento a faca, nem mesmo um arranhão. Muitos o temiam. Pensavam que tinha um pacto com o tnhoso.

- Isso parece normal por aqui!

- Mas Primo não simpatizava com nenhum dos dois lados. Ele foi criado por um sábio ancião. Contos o retratam como um mago adorador da natureza. Uma espécie de bruxo.

- E o que esse senhor fez para proteger seu enteado?

- Ele forjou uma peixeira. Incrementada com sangue puro e seiva infectada pelo mal. Uma arma de cabo de osso e lâmina negra. Que cortava tudo. Inclusive seres do outro mundo resistentes a ferimentos. Apodere-se do facão e terá uma chance contra Cabrunco.

- E onde posso localizá-la? – pergunta um empolgado tenente.

O silêncio toma conta mais uma vez de Tião Urubu. Marcus já não tem mais nada para a troca de informações com o velho. Não obstante, dessa vez não cede aos caprichos do velho e parte para uma ofensiva.

- Eu tenho um último presente para você, Tião. – O velho se enfurece com o apelido, contudo antes de retrucar as palavras de Marcus, o oficial fala primeiro. – Na verdade quero um acordo. Sei porque me ajuda. Antes da chegada de Cabrunco e seus homens nessa região, você era a lenda mais famosa e temida. Todos citavam seu nome com pavor e receio. As crianças mal dormiam à noite quando ouviam contos a seu respeito. Mas o diabo chegou e acabou com a sua fama.

Tião fica inquieto e furioso. Ele anda de um lado para o outro.

- Cheguei no sertão há pouco tempo – continua a prosa Marcus - e desde então só escutei falar a seu respeito uma única vez por um padre de uma igreja situada num lugar bem remoto. Porém, o nome de Cabrunco, Pé na Cova e Terra Seca eu ouço a todo momento e em todos os lugares por onde passo.

O velho bate seu cajado no chão. Gira o bastão e grita. Dezenas de urubus entram em sua sala. As aves estão inquietas e voam em círculos no apertado lugar. Contudo, a ação não impede mais palavras de Marcus.

- A minha oferta é a seguinte. Você me fala onde consigo a peixeira, eu dou cabo da vida do miserável e você volta a ser a lenda mais temida do sertão. Em breve, você se tornará novamente o nome mais falado e temido por aqui.

O velho resmunga sozinho. Pensava que era o dono da situação. E agora está numa situação delicada para ele. Nas mãos de um jovem que não conhece um palmo de terra dessas bandas.

Ele bate seu cajado no chão mais uma vez, e o bando de aves sai do recinto, com exceção do urubu que sempre seguiu os passos de Marcus em sua jornada. O bicho descansa tranquilamente nas costas da velha cadeira.

- Moleque abirobado! Eu aceito a sua proposta - fala Tião. – Mas, realmente deseja encontrar a peixeira de Primo Anastácio?

- Sim.

- Tem certeza? Está preparado para enfrentar o sobrenatural pela primeira vez? Algo além da lógica e da compreensão?

- Não tenho escolha.

- Bora lá.

Atrás da cadeira existe uma porta de ferro. Grande e com decorações macabras. Tião pede que o tenente abra o grande portal.

Marcus acata a solicitação do velho e ambos entram numa outra caverna. O urubu sai da cadeira e segue a dupla.

No interior da outra área não existe nada de decorativo. Apenas uma porta no chão do lugar e uma gaiola com dois homens presos nela. Um magro e branco e outro bem forte e negro.

Eles observam a chegada de Marcus e Tião. Não esboçam uma única palavra, pois têm pavor do velho senhor.

- Quem são eles? - pergunta o tenente.

- Dois picaretas que tentavam assediar uma menina de quinze anos perdida nessa região.

- Salvou a garota e de cara prendeu os bandidos? Você não me parece tão mal assim.

- Chegou sério aqui e agora está frescando. Mas, sua graça vai terminar, pois sua saga começa agora.

Tião Urubu retira uma chave de seu cinto feito de corda e abre a jaula onde os dois homens estão enclausurados. Eles não perdem tempo e saem.

Para a surpresa de Marcus, o velho entrega duas pistolas, uma para cada meliante.

- Tem certeza de que está fazendo a coisa certa? – pergunta o tenente com um certo ar de preocupação.

- Ficou sério de uma hora para outra, soldado? – indaga o senhor. – Mas não se perturbe. Eles sabem que tentar fugir ou um ataque são as coisas mais estúpidas para fazerem. Já sentiram isso na pele. Não é, meninos?

A dupla, com feições assustadas, apenas acena positivamente com as suas cabeças.

O próximo passo dado pelo velho foi abrir a porta do chão, exibindo uma enorme escadaria feita em pedra que leva aos subterrâneos do local.

- Arre-égua! O que estão esperando? Desçam – fala Tião. – Vocês chegarão num enorme emaranhado de cavernas. Lá embaixo tem água e vegetação. Sigam sempre para o norte até encontrarem o tumulto de Primo Anastácio.

- Como é que é? - interfere Marcus. – Você é o guardião do corpo do cangaceiro? E não me falou nada!

- Não sou obrigado a lhe falar tudo, jovem – retruca o velho. – Também tenho meus objetivos nessa vida. E, logicamente, não tenho que lhes dar satisfações. Então, cumpra nosso trato, desça e traga a peixeira. E você dois – Tião olha sério para os homens - se ajudarem o jovem, estarão livres. Tércio! – fala Tião para o urubu.

A ave pousa em seu cajado. Ele dá um leve cascudo no bicho e ele pula para o ombro de Marcus.

- O que significa isso, velho? – pergunta o tenente.

- O urubu que vem seguindo os seus passos! – explica Tião. – Ele será o seu guia na busca do corpo de Primo. Ele obedece a comandos simples. Vai, ele segue adiante. Vem, ele volta para os seus ombros.

- Bem! Não tenho nada a perder mesmo! – comenta o homem negro. – Pois já estamos mortos.

- Por que fala isso, homem? – pergunta Marcus.

- Simples, meu amigo. Lá nas profundezas, o corpo de Primo é guardado por um Quigunga.

8 – QUIGUNGA.

Um grupo incomum desce uma enorme escadaria. Um oficial das forças armadas e dois homens acusados de tentar abusar sexualmente de uma garota. Eles são guiados por um urubu adestrado conhecido por Tércio. Uma ave que só atende aos comandos do jovem tenente Marcus Alves.

- Temos que ser ligeiros para encontrar o corpo de Primo Anastácio – comenta o homem negro e forte.

- Vamos combinar uma coisa – retruca Marcus. – Estamos com um objetivo em comum por acaso. Então nada de palavras comigo. Detesto bandidos. Imaginem o que eu sinto por molestadores de crianças.

- Ei, abestalhado! Esse aí? – interfere o homem mais magro. - Ele não é o que você imagina. Se estou aqui, é por causa dessa praga.

- Explique-se – ordena Marcus. O tenente olha escada abaixo. Nota que ela é enorme e iluminada por tochas.

- Não sou um criminoso, jovem soldado – explica o afro descendente. O homem rasga um pedaço da manga de sua camisa bege e prende seus cabelos crespos com o fiapo do tecido. – Também não pertenço ao Nordeste. Meu nome é Tobias Honorato. Sou de um grupo de pessoas especializadas em coletar itens de seres sobrenaturais. Nós somos conhecidos por Colecionadores.

- Quer dizer que caça esses tipos de bichos? - pergunta o soldado. Ele não acredita que existem pessoas que executem esse tipo de trabalho. – Forjou um crime só para o Tião Urubu lhe prender para que pudesse caçar o Quigunga?

- Exatamente – responde Tobias. – Será a minha primeira aventura pelo sertão do Sergipe.

- Você é mais doido que o velho dos urubus.

- Esse leso me colocou nessa armadilha – reclama o magro.

- Relaxa, Zoim! – fala o negro. O apelido do homem magricela se deve ao fato dele sempre ficar com o olho esquerdo fechado, apesar de não ter nenhuma deficiência física. Uma espécie de mania. – Olhe pelo lado positivo. Eu impedi que você abusasse daquela menina, chamando a atenção do velho. Se consumasse o crime, provavelmente os cangaceiros da região te caçariam e te esfolariam vivo.

A descida finalmente termina. O trio se depara com um lugar peculiar para aquela região. Um desfiladeiro de pedra com cipós em suas extremidades e no meio, com uma passagem muito estreita, onde só é possível a travessia de uma pessoa por vez.

Em cima de uma pedra, no final do desfiladeiro, Tércio inspeciona a ação do trio. Marcus é o primeiro a seguir pela estreita trilha, seguido de Tobias e por

último Zoim.

- Uma pergunta... – inicia a conversa o tenente – se você caça essas coisas, por que seu alvo não foi o Tião?

- Nosso grupo não considera o velho um ser anormal ou uma ameaça. Para nós, ele é um simples adestrador de aves.

- Não conheço pessoas que amassem urubus – comenta Zoim.

- Esqueçam o velho - fala Tobias. – Temos que focar nossa atenção no monstro. Temos que chegar no túmulo do cangaceiro sem ele nos notar. Lá, vocês pegarão a arma de Primo Anastácio e eu ficarei para montar uma arapuca para o bicho.

Marcus olha espantado para o colecionador. Não sabe se o homem é valente ou estúpido. Geralmente, as pessoas temem as assombrações. As crianças mal dormem ao ouvirem histórias sobre os monstros. Agora ele testemunha uma pessoa que faz exatamente o contrário, uma que corre para cima do perigo.

O grupo segue a sua sina, o seu destino. Eles andam por um campo de capim ralo até chegar numa grande lagoa. Desbravar o lugar não será uma tarefa difícil, pois uma ponte de madeira e cordas dá o acesso necessário para que os homens cheguem do outro lado.

Zoim faz a travessia com receio. O homem sempre se apoia nas cordas. Com tanta precaução, os outros dois desconfiam que o magrelo não sabe nadar.

Cada parte do subterrâneo secreto é uma surpresa para Marcus, Tobias e Zoim. Nunca imaginariam que poderia existir um lugar tão belo e exótico no sertão de Sergipe. Porém, sabem que não podem vislumbrar muito as paisagens, pois o morador do local é um ser medonho, selvagem e assustador de acordo com as palavras do homem negro.

- O que você sabe sobre o Quigunga, Tobias? – pergunta Marcus. – Como ele é? Como ataca? E o que devemos fazer quando encontrá-lo?

- O Quigunga é uma espécie de monstro quadrúpede, pele escura como breu, olhos vermelhos como sangue, garras pequenas, contudo afiadas como uma faca. Ele não investe furtivamente. – O trio passa por um cadáver de um cangaceiro que está no meio da ponte. Tobias se abaixa e pega a peixeira que está na mão direita do moribundo. – Tome! – Ele entrega a arma dada por Tião Urubu para Marcus. O soldado coloca a pistola na cintura. – Arma branca é mais eficaz contra a fera. Mas, como eu ia falando, a besta faz questão de mostrar para sua vítima que está presente e quer matá-la. Uma tática para infringir medo em seu alvo. Se ele nos encontrar, é morte na certa. Para abatê-lo, temos que agir na surpresa. Todavia, como já disse antes, farei tudo sozinho, não vou expô-los ao perigo.

A lagoa fica para trás. A trupe chega numa espécie de matagal. A peixeira de Tobias faz o serviço de abrir caminho pelo colímbio alto e denso. Alguns

pequenos cortes são inevitáveis, mas nada que possa impedir o prosseguimento da caminhada.

Zoim está incomodado com os insetos que insistem em lhe picar. Ele xinga a todo momento.

O trio passa por mais um cadáver e algumas ossadas humanas.

- Muitas pessoas perderam suas vidas aqui – comenta Marcus.

- Obra daquele velho nojento do tempo do ronca – retruca Zoim. – Ele finge ajuda, mas quer que você morra aqui com a gente. Não percebe que ele alimenta o animal com os presuntos?

- Procede, Tobias? - indaga o oficial.

- Sim. Tião tem um senso de justiça peculiar. Costuma apreender marginais e usá-los como comida para o bicho. O Quigunga só se alimenta de seres vivos.

- Já pensou em caçar Cabrunco e seu bando? – o tenente sugere a caçada para o colecionador. – Pelos testemunhos que fiz, o trio também tem aspectos de seres anormais.

- Meu jovem... – diz Tobias. O homem de pele escura dá um pequeno sorriso sarcástico para Marcus e continua – Meu grupo não é composto por bem feitos ou mercenários. Somos coletores de itens sobrenaturais. Caçar o cangaceiro e sua turma exigiria que todos os membros do clã estivessem presentes. Algo que nunca fizemos e é impossível de acontecer. Estamos espalhados por toda a América.

Marcus desaprova os comentários de Tobias. Não admite que um homem corajoso e um profundo conhecedor de seres sobrenaturais esteja ali somente para pegar um souvenir para a sua coleção de troços esquisitos. Mesmo não gostando, ele continua a sabatar Tobias. Quanto mais informações sobre o monstro, maiores serão as suas chances de sobrevivência. Entretanto, apesar de não gostar do que ouviu de Tobias, ele está bem interessado nas informações dele. Se ele fizesse parte de seu grupo, pensa, Cabrunco e seu bando já não seriam mais um problema.

- Origem? De onde o monstro vem?

- Não existem dados corretos sobre a sua proveniência. Maldição, espécie rara ou doença. São os comentários das pessoas. Nossos estudos, ainda não comprovados, direcionaram-nos a acreditar numa lenda contada no sul da Bahia.

- Poderia contar essa fábula para nós? - pergunta o soldado.

- Lógico. As pessoas contam que a besta era um adolescente, entre dezesseis e dezessete anos. Em sua cidade, ele era considerado um menino santo. Atribuíam a ele vários milagres locais. Padres de todos os lugares foram testemunhar, analisar e estudar o menino, inclusive um sacerdote especialmente encaminhado pelo Vaticano. O garoto virou um fenômeno da igreja católica.

Religiosos e romeiros invadiam sua cidade na busca de bênçãos e curas. Devido à sua idade e maturidade, o adolescente não estava segurando a pressão. Sentia-se incomodado com tanto assédio e a perda de sua liberdade e privacidade. Sempre tinha muita gente seguindo os seus passos. Mal tinha tempo para fazer as coisas que um jovem de sua idade gosta de fazer: namorar, estudar e encontrar os amigos.

Marcus retira seu cantil e bebe um pouco de água. Ele oferece a bebida para os dois companheiros de aventura. Zoim aceita, mas Tobias não. O colecionador volta ao seu conto.

- Até o dia que ele resolveu tirar uma folga – continua o conto Tobias - dar um descanso para ele mesmo. Saiu de casa bem cedo. Escondido e disfarçado. Colocou uma espécie de chapéu na cabeça e partiu. Ele chegou numa cidade vizinha e por lá passou o dia. Caminhou pelas ruas, conversou e jogou damas com os mais velhos numa pequena praça. Almoçou num boteco “pé sujo”. Passeou na parte da tarde, conhecendo mais gente. No entanto, foi à noite que sua vida mudaria para sempre.

A mata fica menos densa até virar um descampado com terra vermelha. Zoim aponta para o alto e mostra Tércio. O trio segue a ave. O colecionador continua sua narrativa.

- Durante a noite, o jovem foi participar de uma festa numa pequena feira da cidade. Como fez durante todo o dia, foi conhecendo várias pessoas, bebendo sucos e comendo as guloseimas locais. Mas uma pessoa chamou a atenção dele. Uma bela garota, provavelmente da sua idade. Contam que era linda, cabelos longos e negros como a noite, olhos também escuros e um corpo que mexia com as fantasias de todos os homens ali presentes, sejam eles novos ou velhos. Crentes ou descrentes.

- Raparigas! – comenta Zoim. - Sempre serão a ruína de qualquer homem. Até mesmo de um santo.

- Deixe Tobias acabar a história - reclamou Marcus.

- Ela olhou o rapaz durante um bom tempo. E ao cruzar olhares, a criança santa se encantava pelos modos e gracejos da dama, e com a maneira como ela dançava no meio da multidão – retoma as palavras o colecionador. – Não demorou para ela se aproximar e logo os dois já estavam conversando. Uma química instantânea, como se fossem conhecidos e íntimos antigos. Dialogaram durante um bom tempo e deram várias gargalhadas juntos, até que chegou um momento que a moça puxou o rapaz para um canto mais escuro e lá se beijaram. Não obstante, o ato de paixão avassaladora e instantânea não durou muito. Três homens cercaram o jovem e o espancaram. O moço não resistiu muito às agressões dos bandidos e desmaiou.

- Visse! Não falei? – gaba-se Zoim de seu comentário.

Contudo, o magrelo é advertido por Marcus, que pede silêncio. O tenente quer acabar de ouvir a história. O bandido se desculpa com o jovem.

- Posso continuar, Zoim? - pergunta Tobias. O magricela apenas balança a cabeça concordando. – Quando o menino santo acordou, ele estava preso e amarrado com cordas no chão de um quintal de um lugar desconhecido. Percebeu que havia um círculo feito de sangue ao seu redor. E também, à sua volta, estavam vários homens e mulheres, todos vestindo uma espécie de roupão com capuz. Não era possível reconhecer os rostos das pessoas que lhe prenderam, apenas de uma figura. A garota. Mesmo coberta, ele a reconheceu pelos seus belos lábios carnudos e seu sorriso inconfundível.

- Seria uma espécie de culto pagão? – pergunta Marcus.

- Talvez – responde Tobias. – Culto à natureza. Ao diabo. Quem sabe? A única coisa que contam é que os fanáticos buscavam algo como a imortalidade ao sacrificar um menino santo. O sacerdote tirou um punhal com cabo dourado e enfiou no coração do adolescente. Mas algo saiu errado. Ao invés de vida eterna, eles testemunharam a transformação de um garoto inocente numa besta infernal faminta e irracional. Eles presenciaram o nascimento do Quigunga. Pelos negros cresceram de todos os lados. Suas orelhas diminuíram tanto que era impossível identificá-las. Seus olhos ganharam uma tonalidade rubra e os dentes dobraram de tamanho se tornando pontiagudos. Falam que não sobrou um adorador depois que o monstro matou, despedaçou e comeu partes de corpos mutilados. Depois, desapareceu sem deixar vestígios.

- Um garoto abençoado que foi vítima de uma maldição por ceder a um dos mais puros sentimentos. O amor – comenta Marcus.

Mais alguns minutos de caminhada pelo descampado, o trio avista algo próximo a um paredão de pedra.

- Veja, chefe - fala Zoim. - Tem algo próximo da parede.

- Estou vendo – comenta Marcus. – Parece que tem uma espécie de caixa de vidro entre aquelas árvores sem folhas.

O grupo caminha rapidamente até chegar ao local. Chegam perto de um caixão de vidro. O item está rodeado por vinte árvores secas e sem folhas. Adentram cautelosamente até conferir o conteúdo da caixa grande. Para a surpresa deles, ali se encontra o corpo de Primo Anastácio.

O espanto é mútuo quando eles percebem que o corpo está intacto, numa espécie de mumificação. O cangaceiro jaz com sua roupa de batalha, seu chapéu de

couro com abas largas e dobradas logo abaixo de seus pés. E uma peixeira sobre seu corpo. A arma que eles vieram procurar.

- Tobias – chama Marcus. Porém, não tem resposta ao seu chamado. Ele e Zoim olham ao redor e percebem que o colecionador desapareceu.

- Negro desgraçado de alma sebosa. O que faremos? - pergunta o bandido.

- Aquilo que nos propusemos.

Agora, em dupla, os homens analisam e tocam no caixão de vidro. Procuram um meio de abrir a caixa sem danificá-la. Passam as suas mãos nas bordas do vitral e encontram uma pequena tranca. Sem demora, Marcus destrava o tampão de vidro e abre o caixão.

- Tem algo errado com a peixeira – comenta o tenente.

- O que é? - pergunta Zoim.

- Ela tem o cabo feito de ossos como Tião Urubu descreveu, mas sua lâmina não é negra. Veja. Ela está avermelhada pela ferrugem.

- Você tem razão. Vamos pegá-la assim mesmo. Deve ser algum truque que o velho não nos contou. Lembre, a arma é o nosso meio para que possamos arribar desse lugar.

Com cuidado, Marcus retira a peixeira de cima do corpo de Primo Anastácio. Ele fita o rosto do homem que é considerado uma lenda no sertão. Constata que é um sujeito normal. Cabelos grandes e grisalhos e óculos redondos.

O soldado prende a arma em suas costas. Dá um sinal para Zoim. Ambos ensaiam uma retirada. Contudo, antes que se evadam do local, um uivo gela suas espinhas e arrepia seus pelos. Eles imediatamente pegam suas pistolas e viram de costas um para o outro.

O olhar aterrorizado de Zoim para o Quigunga denota todo o medo e pavor que o bandido sente naquela situação.

- Vixe Maria! - fala o homem magro. – Diabéisso?

- Ele é exatamente como Tobias descreveu.

- Alguma ideia?

- Lutar.

- Mas, ele vai esfolar a gente!

- Não temos escolha, temos que enfrentar a fera. Provavelmente, ele irá matar a gente do mesmo jeito.

O duo aponta suas armas para a besta. Contudo, antes que eles possam atirar no Quigunga, Tobias surge de surpresa e decepa a mão esquerda do monstro com a peixeira que ele pegou do cangaceiro moribundo.

O grito de dor do animal assusta ainda mais Zoim. Um timbre grave e muito alto. Um som que o meliante não vai esquecer tão cedo. Também apavorado, Marcus tenta manter a calma.

Como forma de proteção, o Quigunga se afasta do trio.

- Saiam daqui – grita Tobias. – Salvem suas vidas. A besta é minha.

Marcus não consegue compreender se o homem negro comete um ato de heroísmo ou loucura. Pois é nítido o olhar de satisfação de Tobias ao enfrentar o Quigunga. O tenente olha para Zoim, e os dois saem correndo do lugar.

- E você? – grita o soldado.

- Já enfrentei feras piores do que essa. Não se preocupem comigo, eu estarei bem. Encontro com vocês no esconderijo de Tião Urubu. Não preciso da ave, já decorei o caminho de volta.

A dupla corre sem olhar para trás. Eles escutam os gritos de Tobias e os bramidos da besta. Alaridos de um combate mortal entre homem e fera. Entre o racional e o irracional.

Marcus e Zoim correm como nunca correram em suas vidas. A visão de um monstro considerado como uma fábula foi o combustível para que os dois chegassem à conclusão que precisavam sair dali o mais breve possível.

Tobias ficou para enfrentar o Quigunga, mas eles tinham a convicção que o colecionador não seria páreo para a monstruosidade.

Fazendo o caminho inverso, eles atravessam o grande descampado até chegar no matagal. Pela mata, fazem o percurso sem problemas, pois passam pela trilha deixada pelos cortes no colônio feitos por eles mesmos. Além disso, foram guiados de volta por Tércio.

Rapidamente, eles chegam no grande lago e começam a travessia pela ponte.

Correndo muito, os dois começam a desacelerar seus passos quando enxergam algo na frente. Um vulto grande e negro.

- Pegamos em merda. Não pode ser – comenta Zoim. Ele finda suas passadas instantaneamente.

Os dois se deparam com outro Quigunga. Com um brilho rubro em seus olhos.

- Não é o mesmo – fala Marcus. – Ele tem as duas mãos.

O bicho, como forma de intimidar suas vítimas, mostra suas pequenas, porém mortais, garras e solta um uivo alto.

- Esse uivo – fala Marcus. – Temos que sair daqui. O outro uivou também.

- E o que isso significa? – pergunta o bandido magrelo.

- Que eles se comunicam. Se tiver mais deles, e eu acho que tem, logo estarão aqui.

- O que pensa em fazer?

Antes de ter uma resposta convincente, Zoim fica com mais motivos para se apavorar. Marcus joga água no bicho. O tenente conclui que ele tem medo de água, pois a fera se afastou. Percebendo a fobia do animal, o soldado pula no lago e mergulha, sumindo nas profundezas de suas águas turvas.

- Aquele arrombado de merda – resmunga Zoim em tom de puro desespero. O homem aponta sua arma de fogo para o monstro. – Baitola do caraio. Fugiu pela água. Mal sabe ele que eu não sei nadar.

A besta avança vagarosamente com seus olhos fitados em sua presa. Zoim treme, mas a angústia lhe permite efetuar um tiro. O projétil acerta o peito da fera, contudo é um ferimento insignificante que não impede que Quigunga caminhe em sua direção.

A fera prepara um bote rápido em sua vítima. Provavelmente, o bandido não conseguirá se esquivar do animal. Zoim já dá como certa sua morte e começa a rezar desenfreadamente.

No entanto, quando a abominação pensa em iniciar seu ataque fatal, ela paralisa, seus olhos rubros começam a perder o brilho e uma baba gosmenta sai de suas presas.

A tensão e o medo não permitem que Zoim assimile de imediato o que está acontecendo, mas aos poucos ele coloca seus pensamentos estáveis e vê que a monstruosidade fora aniquilada com um golpe na nuca deferido com a peixeira de Primo Anastácio.

Ao retirar a lâmina da cabeça do bicho, eles presenciam algo incomum. O Quigunga começa a reverter sua transformação até ter novamente a aparência de um ser humano.

Os dois notam que é um menino bem jovem que mal saiu da adolescência. Morto ali, bem na frente deles.

- Todos são crianças, Zoim – lamenta Marcus. Ele passa as mãos nos cabelos castanhos da criança. Uma pequena lágrima sai de seu olho esquerdo. – O que o destino reservou para essas crianças. Todas puras de coração. Abençoadas por Deus. Vítimas da maldade dos homens e de suas ganâncias.

- Tenente – grita Zoim. – Simbora daqui. - O homem aponta para o começo da ponte.

Marcus se apavora ao constatar que suas ideias em relação ao uivo do animal estavam certas. Eles avistam mais sete monstros. Todos atraídos pelo comando sonoro de um de sua espécie.

- Vamos.

Mais uma vez, a dupla corre como nunca. Agora, por suas vidas. Eles têm que chegar ao final da grande escadaria antes de virarem refeição de monstros.

Passando pela porta que dá acesso ao lar de Tião, estarão salvos.

As feras correm de quatro patas. Elas são bem mais velozes que os dois homens.

A disparada é insana e intensa. Marcus e seu aliado conseguem chegar ao desfiladeiro de pedras antes que os bichos lhes alcancem.

- Zoim, temos que usar os cipós para atravessar o desfiladeiro. Se prosseguirmos a pé, eles nos pegarão.

Os uivos e grunhidos ficam mais altos a cada segundo. Um sinal de que a morte se aproxima mais rápido do que eles pensam.

- Não vou conseguir. Eu tenho medo de altura. Vou pela trilha.

- Sem frescura, homem. Ou nos balançamos nas parreiras ou morreremos muito perto do nosso objetivo final.

- Primeiro você. Eu vou logo em seguida. Confie em mim.

Marcus pega um cipó e balança através do desfiladeiro. A altura é muito grande. Um erro ao pegar a próxima corda será fatal. Ele pula para um outro cipó até chegar ao outro lado com segurança. Ao olhar para trás, ele percebe que Zoim não acatou seu pedido e corre pela trilha estreita. Ele fica desesperado quando nota que as bestas alcançam o bandido.

Dois deles pulam em Zoim. Os três caem do desfiladeiro. Marcus escuta o eco dos gritos do homem magro. Um som de morte e desespero. Porém, ele tem a ciência que não é o momento e nem o lugar para lamentos. Ele sobe as escadarias dos subterrâneos, o último obstáculo para que chegue no lar de Tião Urubu a salvo.

Uma subida difícil. O jovem já está muito cansado. Ele não olha para trás, mas repara que os monstros, agora num bando de cinco, estão bem próximos. Pensa em pegar a peixeira, parar, virar para as bestas e enfrentá-las. Se é para morrer, então tombará como um soldado, combatendo seus inimigos até o último suspiro. Contudo, sabe que mal haverá tempo para pegar a arma se fizer tamanha artimanha.

Mesmo correndo muito, ele sente um bafo quente e fétido em seu pescoço. Sabe que uma das bestas já mira seu corpo para o golpe que findará sua breve vida.

Mas o sobrenatural e o inacreditável mais uma vez surpreendem suas crenças. Galhos secos e pontudos saem das paredes que cercam a escadaria e impedem que as monstruosidades se aproximem de Marcus.

Sem olhar para trás, mesmo ciente de que o perigo já passou, o tenente continua sua carreira frenética até chegar à porta.

Ele abre a porta rapidamente, passa por ela e a fecha mais rápido ainda. Cai exausto sob os pés de Tião Urubu. E mostra a peixeira.

- Eu consegui. Eu consegui. Eu consegui.

- Eu sei, filho. Eu sei – fala Tião. O velho solta gargalhadas altas.

9 – TERRA SECA.

Marcus está deitado numa esteira num quarto limpo e bem mobiliado. Ele dorme profundamente. O jovem passou por um momento delicado e de puro terror. Quase não escapou com vida, perseguido por um bando de monstros conhecidos como Quigungas.

Aos poucos ele vai se recobrando. Ainda sonolento, o tenente tenta identificar onde está. Sua visão está meio embaçada, mas se localiza ao ver que Tião Urubu lhe observa, sentado num sofá confortável, com a peixeira de Primo Anastácio em mãos.

- Quanto tempo fiquei desacordado? – pergunta Marcus. Ele se levanta da esteira e esfrega os olhos.

- Não muito tempo – responde Tião. – Uma boa parte da manhã. Agora estamos à tarde.

- Onde está Tércio? Não o vi sair lá debaixo.

- O meu menino está bem. Há vários meios de sair dos subterrâneos. E o líder do meu bando de urubus não ficaria preso lá por muito tempo.

- Tobias? O homem negro que estava comigo? Algum sinal dele?

- O colecionador?

- Esse tempo todo você sabia quem ele era?

- Sim. Não sou quem eu sou por acaso, galego! Mas, arroteei por lá. Não achei vestígios dele. Se está vivo ou morto, não dá para saber. No entanto, o magricela estava todo estatelado no fundo do desfiladeiro junto com duas feras.

Marcus nota a peixeira na mão do velho.

- Essa é mesmo a arma de Primo Anastácio? Pelas suas orientações, a lâmina deveria ser negra. O cabo confere com os seus relatos, mas a arma não.

- Não tenho dúvidas de que ela seja verdadeira – retruca Tião. – Estava sobre o corpo dele, não? – Marcus acena positivamente com a cabeça. – Então, deixe-me explicar como essa peixeira funciona. Suas atribuições mágicas só são ativadas pelo seu dono. Para usá-la, você terá que tomá-la para si.

- E como farei isso? – pergunta o tenente. – Olhando para ela? Pedindo com educação?

- Engraçadinho. Veja se entende o que eu vou explicar-lhe. Primo Anastácio sempre caminhou no limite entre a linha do bem e o mal. Às vezes altruísta e em muitas ocasiões malicioso, destemperado e de caráter duvidoso. Sua peixeira tem o mesmo espírito dele. Para falar que é sua, seu sangue deve ser misturado, assim como era a alma de Primo.

- Magia negra?

- Não, jovem. Um pequeno ritual. Seu sangue puro deve se mesclar com um sangue nem tão castiço assim. A mistura dos dois reativará os poderes sobrenaturais dessa peixeira.

- E onde vou encontrar um ser de sangue tão impuro assim? – questiona Marcus.

Tião urubu solta uma alta e grave gargalhada.

- Na sua frente, moço! Está preparado para fazer isso? Quer mesmo deter Cabrunco e ao mesmo tempo salvar seus volantes?

- Sim. Foi uma promessa que fiz para eles. Não irei deixá-los à sorte. Se eu tiver que receber o beijo frio da morte aqui no inferno quente do sertão, que seja lutando ao lado deles.

- Portanto, vamos começar. Arregace a manga de seu braço direito.

Sem questionar, Marcus acata o pedido do velho. Ele observa Tião retirar um pequeno punhal de sua cintura.

- Relaxe. Não vai sentir dor de veado.

O velho defere um pequeno talho no antebraço direito do soldado. O jovem sente um pouco o corte, mas resiste a dor.

No seu braço, Tião Urubu faz o mesmo corte, no mesmo lugar e do mesmo tamanho.

- Aproxime-se.

Marcus fica de frente para o velho. Os dois unem as feridas. O tenente sente um pequeno incômodo.

- Queima – comenta ele, fazendo uma careta.

- Bora. Aguenta só mais um pouco – pede Tião. – Já vai passar.

Segundos depois, os braços são desunidos. Marcus olha para sua ferida e se impressiona. Ele percebe que não existe mais um ferimento. No lugar da lesão está gravado um pé de urubu. Uma espécie de tatuagem.

Subitamente, o tenente respira bem fundo, seu corpo se estremece todo e seus pelos se arrepiam.

- Meu Deus – comenta Marcus. Aos poucos, sua respiração começa a voltar ao normal. – Agora eu sei quem você é, de onde veio e como conseguiu esses poderes e essa longevidade.

- Um segredo que guardaremos entre nós – explica Tião. - Nos unimos em sangue. Sabe tudo sobre mim, assim como sei de sua infância sofrida e de sua descrença. É mais forte do que aparenta, Marcus Alves – pela primeira vez o velho chama o tenente pelo seu nome. – Agora vem a parte mais interessante. Pegue a peixeira.

Marcus pega a arma. A lâmina, que sofria com a ação da ferrugem, fica negra como a noite. O jovem admira a transformação da arma. Analisa a lâmina.

- Ela te pertence agora – fala o velho. Se sair de suas mãos num raio de dez metros, ela volta a ficar velha. Regressando para suas mãos, ela escurece novamente. Somente em ébano que você conseguirá infringir ferimentos no trio de cangaceiros. Agora desamarre seu jegue e pique a mula daqui. Volte para a casa de Primo e se prepare para o ataque dos bandidos. Inevitavelmente, eles farão isso.

O pôr do sol chega na casa de Primo Anastácio, que serve como base dos volantes. Aristides está inquieto, assim como os outros dois soldados que estão com ele, pois o prazo que Marcus lhe deu para seu retorno está chegando ao fim. E se o tenente não aparecer, só pode significar uma coisa, que ele não conseguiu completar sua missão e muito provavelmente está morto.

O veterano cabo pega suas anotações e se senta numa cadeira velha. Ele rabisca algo. Tenta escrever alguma coisa sobre a jornada que eles passam. Todavia, palavras não saem de sua imaginação. Ele não consegue registrar frases bem escritas, ou belas passagens ou ações de impacto como todo conto bom merece. O seu líder povoa sua cabeça neste momento, está sem concentração e isso impede que ele faça o ofício que ele mais gosta. O de contar histórias e elevar a imaginação de seus leitores.

Entretanto, toda a sua aflição e angústia terminam quando um dos volantes grita de cima do muro:

- Avalie só. É o chefe, ele está chegando. Abram o portão.

O portão recém-consertado é aberto. Marcus entra com sua montaria. Aristides guarda suas anotações, levanta-se e caminha na direção do tenente. É nítido o sorriso em seu rosto ao descobrir que o seu superior retornou para a base com vida e sem ferimentos grandes ou graves.

- Senhor fala o cabo. – Juro que pensei que arregado. – Ele ajuda Marcus a descer do cavalo. Ele ajuda Marcus a descer do cavalo.

- Fiz uma promessa para você e vou cumpri-la, cabo. Jamais abandonarei essa equipe aqui no sertão.

O jovem oficial mostra a peixeira com lâmina escura para Aristides.

- Que troço é esse? – indaga o veterano.

- É o elemento que precisamos para acabar com a vilania de Cabrunco e seu bando de marginais. Essa é a peixeira de Primo Anastácio. Com a arma poderei ferir os monstros.

Aristides se surpreende com a notícia.

- Mas a arma dele é uma lenda! Somente as crianças acreditam na história do bandido que virou mocinho.

- Assim como Tião Urubu era – retruca o oficial. – Não tem noção do que eu passei para conseguir esse item. Onde estão os soldados? Vejo que só está você e mais dois volantes.

- Eles estavam entediados, senhor. Josenildo e Jesuíno juntaram alguns volantes. Eles vestiram roupas civis e desceram agora há pouco para uma quermesse que está ocorrendo na cidade de Flores.

Marcus fica irritado ao saber que seus homens desceram para a cidade sem sua permissão. Ele entrega a peixeira para Aristides. O cabo se assusta quando a chapa afiada muda de cor.

- Jesus – fala o cabo.

- Guarde-a, cabo Aristides. – Marcus retira a camisa de sua farda e fica somente de camiseta. Ele monta em seu cavalo. – Vou para a cidade. Os homens têm que voltar para cá imediatamente. Onde está Messias?

- Desceu com eles, senhor. Falou que não deixaria que eles fizessem alguma besteira que comprometesse a missão.

- Tomara que sim - comenta Marcus. – Vou mandá-los para cá o mais rápido possível. A vida deles corre perigo. Seguramente, nesse momento, são vigiados pelos cangaceiros de Cabrunco.

A quermesse dá um tom festivo à cidade de Flores. Um brilho religioso, colorido e animado. As pessoas fantasiadas brincam e se divertem. Um bom momento para se esquecer das provações e dos desafios que o árido sertão da região lhes coloca.

As comidas típicas e as guloseimas são escassas. Não obstante, estão ali presentes nas barracas com bandeirinhas e nas tendas para quem tem condições de adquirí-las. Os presentes comem tapioca, carne de sol, um tipo de paçoca recheada com carne seca, sarapatel, entre outras iguarias do local. A cajuína e a cachaça são servidas para aliviar a sede e relaxar o dia sofrido do povo.

Porém, um indivíduo não está muito à vontade nessa noite alegre e divertida. O tenente Marcus Alves procura por seus soldados no meio da multidão. Deve levá-los de volta para a casa de Primo Anastácio. Ali, em meio às comemorações, eles são alvos fáceis dos cangaceiros liderados por Cabrunco.

Ele olha para todos os lados. Não consegue ver nenhum deles, pois desceram com roupas civis para não levantarem suspeitas. Para sua sorte, Messias João o encontra no meio do aglomerado.

- Senhor. Quando chegou?

- Agora, Messias – o tenente continua procurando seus volantes. Ele conversa com o jagunço, mas não tira seus olhos esmeraldas das pessoas. – Onde estão os soldados?

- Espalhados por aí. Em bares, tendas e prostíbulos.

- Reúna todos na entrada da cidade. Vamos voltar para base. Corremos perigo ao ficarmos expostos aqui na festa.

- Visse! O que houve?

- Somos vigiados pelos cangaceiros de Cabrunco. Vá. Quero todos na entrada da cidade.

Messias não pensa duas vezes e sai em disparada.

Mais adiante, Marcus se encontra com Josenildo. O soldado está abraçado com uma moça e segura uma garrafa de cachaça.

- Ei, chefe – grita Josenildo ao reconhecer Marcus no meio da multidão. Ele apresenta sinais de embriaguez. - Aqui. Venha aqui, quero lhe apresentar Margarida.

- Temos que sair daqui – interrompe o tenente, que mal olha para a acompanhante do volante. - Somos vigiados pelos cangaceiros.

Josenildo dispensa a dama.

- Vou sair na toda e renuir a turma.

- Ótimo – fala Marcus. - Quero todos na entrada da cidade.

Uma aglomeração se diverte na festa. Um amalgama de tantas coisas juntas e diferentes. Perfume barato com fragrâncias mais requintadas, vozes embriagadas e burburinhos sobre as coisas que acontecem na cidade, cortejos galanteadores às damas mais jovens e tapas nas caras em homens mais avançados em seus flertes, cachaça de todos os tipos e sucos naturais da região, e fogos, muitos fogos de artifício e bombinhas jogadas no chão pelas crianças que gritam a cada estouro. Tudo isso poderia deixar um homem atormentado.

Contudo, não é o caso do tenente Marcus Alves. Ele está tão concentrado em retirar seus homens dali que não percebe os empurrões no meio de tanta gente. Também não nota as mocinhas que estão arrastando uma asa para ele. Mal sente os beliscões das garotas mais assanhadas.

Caminha e olha em todas as direções. Não quer um único soldado de seu batalhão na festa. O perigo é real e iminente. A tensão é tanta que ele nem percebe a chegada de um homem em suas costas. E um sussurro faz com que o tenente arregale os seus olhos e gele sua alma.

- Anda muito avexado, oficial – fala uma voz rouca em seus ouvidos. - A festa deve estar bem paia.

- Terra Seca ou Pé na Cova? – pergunta o tenente. Ele não consegue enxergar o bandido em suas costas.

- Por que não Cabrunco? Você nunca viu nenhum de nós de perto!

- Por que aquele covarde sempre manda seus capachos antes de aparecer e varrer somente os cacos. Ele não gosta do serviço sujo.

- Arre-égua. Pantel demais em suas palavras para alguém que está em desvantagem, jovem. Todavia, você está certo, vim a mando de Cabrunco. Mas, erra ao pensar que sou um simples garoto de recados dele. Sou conhecido por essas bandas como Zeca Terra Seca.

Marcus, já se recompondo do susto, vira-se e encara o cangaceiro. Entretanto, olha para cima, pois o bandido tem mais de dois metros de altura.

- Bom, se não me matou ainda, deve ser porque tem uma mensagem de seu líder.

- Muito perspicaz – comenta Terra Seca. Seu olhar negro é frio e intimidador. – Cabrunco deseja encontrá-lo. Quer fazer um trato contigo.

- Não faço acordos com o diabo – retruca de forma fria e direta o tenente.

- Não seja abestalhado. Escute o que o homem tem para lhe dizer. Você pode salvar a sua vida e a de todos os seus soldados – comenta o cangaceiro. Ele tira seu chapéu devido ao calor e ajeita seus cabelos ondulados castanhos escuros ondulados.

- Leve um recado para seu chefe. Fale com ele que eu o caçarei até o último de seus dias. Quero vê-lo apodrecendo na cadeia ou morto num pelotão de fuzilamento.

Terra Seca segura pela gola da camiseta de Marcus. Ele antes averigua se tem alguma pessoa olhando para sua direção. Logo mostra seu dedo indicador esquerdo para o tenente.

O oficial se assusta quando testemunha a unha crescer até ficar duas vezes maior do que o próprio dedo do cangaceiro.

- Não seja amostardo demais. Eu tentei mediar esse encontro. Acho que seria bom para ambos os lados, mas você se mostra duro. – Terra Seca infringi um pequeno corte com a sua garra na bochecha direita de Marcus. – Não se arrependa da decisão que tomou aqui, jovem soldado.

O bandido larga Marcus e caminha tranquilamente entre os cidadãos que estão na quermesse. Num piscar de olhos, o meliante some em meio ao mar de pessoas.

Sem demora, Marcus se dirige rapidamente para o ponto de encontro, lugar onde ele e seus homens partirão da cidade.

Chegando no local, ele fica mais aliviado, pois nota que todos estão presentes para seguir rumo à casa de Primo Anastácio. Todos já estão montados em seus cavalos. Messias segura a montaria do líder.

Ele sobe no animal, dá início à cavalgada e sinaliza para que os outros o sigam.

A cavalaria trota velozmente e sai da cidade. Pegam uma estrada que os levará para sua base. Não obstante, ao entrarem numa área aberta composta por muitas árvores secas, eles são surpreendidos pelo ataque dos cangaceiros.

Não do bando todo. Apenas os três principais bandidos. E dessa vez, Cabrunco está no comando da arremetida.

Os volantes se assustam pelos sons e gritos dos três malfeitores. Uma mistura de sons de animais selvagens com risadas agudas. Muitos caem de seus cavalos. E ao baterem no chão arenoso do lugar, são prontamente abatidos, vítimas das garras e dentes afiados dos três facínoras.

Marcus tenta acalmar seus homens, porém sem nenhum efeito. Os volantes estão assustados demais com toda a carnificina na qual estão envolvidos. Muitos se desesperam quando veem braços, cabeças e pernas de seus companheiros serem decepadas devido ao ataque fulminante do trio.

Terra Seca é o mais lento dos três nos ataques. Contudo, ele compensa com força bruta. Arranca com as próprias mãos os membros de seus opositores. Sua roupa marrom se tinge de rubro.

O lugar está muito escuro e os soldados não conseguem enxergar seus adversários.

- Vamos sair daqui! – grita o tenente. - Se chegarmos à base teremos alguma chance. Aqui, nesse breu, somos presas fáceis.

Os sobreviventes da chacina começam a se evadir do local. Todavia, Marcus e Jesuíno são capturados pelos inimigos.

O tenente está imobilizado no chão. Terra Seca o prende facilmente. A mão do meliante é muito grande, quase contorna todo o pescoço do oficial.

- Eu falei para tu, jovem - fala o cangaceiro. – Deveria ter feito o pacto com Cabrunco. Agora, conhecerá o que é o verdadeiro sofrimento.

Preso ao solo, Marcus observa a chegada de Cabrunco. O homem sorri, exibindo seus dentes monstruosos e suas garras afiadas. O marginal dá um sorriso e logo em seguida aplica um soco no queixo do oficial. O desmaio é instantâneo.

Marcus vai recobrando sua consciência. Desperta com os gritos de um homem e o sons de açoites de chicote. Percebe que está preso, amarrado com os braços para trás numa cadeira de madeira. Não é tão difícil se localizar. Ele reconhece o lugar, pois esteve ali há pouco tempo, está na igreja da Imaculada Conceição.

Olha mais adiante e vê um homem baixo, calvo e gordo açoitar um de seus melhores soldados, o volante Jesuíno. Chega à conclusão que o torturador é Pé na Cova.

Impotente, ele somente observa o sofrimento de seu companheiro, que está dependurado, acorrentado, de cabeça para baixo e com o rosto muito desfigurado devido às agressões sofridas na seção de tortura. Os hematomas são abundantes em sua face. O olho esquerdo não abre mais, o inchaço é tão grande que ele não consegue enxergar.

- Até que enfim acordou – comenta uma voz serena.

- Onde estão o padre e o menino, Cabrunco? - pergunta Marcus.

- Infelizmente, eles conseguiram fugir, mas não será por muito tempo! – O homem loiro de cabelos compridos e lisos pega uma cadeira e senta na frente do tenente.

Ao saber que José Bento e Anu escaparam das garras infernais de Cabrunco, Marcus fica aliviado.

- Por que me trouxe vivo para cá? Falei para o seu adulator que não vou concretizar qualquer tipo de conchavo com você.

- Quero refazer a minha proposta. De repente, Terra Seca não foi bem claro na conversa de vocês. - O cangaceiro analisa uns papéis e umas fotografias. O oficial reconhece seus pertences nas mãos do bandido. Ele olha os documentos e retorna seu olhar anil para o oficial. – Veja bem! O que temos aqui? Marcus Alves. Oficial tenente das Forças Armadas Nacionais. E nas fotos? Ora! Uma linda família. Mas espera aí? Você não se parece nada com seus irmãos. Deve ser adotado. E o velho, hein? Pela farda formosa e cheia de condecorações, um general. Filho de general, o que você está fazendo aqui? Não tem ligação alguma com este maldito lugar e com as pessoas insignificantes do sertão.

- Não deve fazer esse tipo de pergunta para mim – retruca Marcus. Ele se incomoda com cada chibatada levada por Jesuíno. O volante já não grita mais de dor. – Pelos seus modos e o seu sotaque, você também não pertence a esse cenário.

- Ao contrário do que você faz, eu não preciso de razões ou motivos para estar aqui e fazer o que eu faço.

- Todos tem um pretexto para fazer algo ou seguir alguma coisa. Acredito que não seja diferente contigo.

Cabrunco se levanta da cadeira. Fica de costas para o tenente. E quando volta a olhar novamente para ele de frente, leva o terror, o sobrenatural e o medo mais uma vez para o mundo cético de Marcus.

- Quer um propósito? Aqui está o meu, oficial. – Cabrunco revela sua verdadeira face. O semblante de um crânio, com olhos flamejantes, tomou conta de seu rosto. Marcus finalmente assimila que os três meliantes não são humanos.

- Eu sou o avatar do caos. O mensageiro do mal. Não estou aqui para lutar contra um governo corrupto ou para reivindicar condições melhores de vida para o povo nordestino. Estou pouco me lixando para toda essa balela de malvado ou bonzinho. A única coisa que busco é acabar com tudo que ousa a atravessar na minha frente. Sou um serviçal dele.

Cabrunco mostra o cordão em seu pescoço. O mesmo descrito por Jéssica Trovão. Marcus olha temeroso, pois o olho que fica dentro da esfera fita seu rosto. Os tentáculos da coisa não param de se mexer.

- Esse é o meu mestre – anuncia Cabrunco. – Que todos temam o Olho do Iluminado.

Pé na Cova para de molestar Jesuíno e começa a gargalhar. Uma risada chata e aguda.

Cabrunco volta a ter feições humanas. Ele se senta mais uma vez face a face com Marcus. Olha por um bom tempo o rapaz. Um silêncio que incomoda o prisioneiro.

- Antes de revelar a minha proposta – fala Cabrunco serenamente – vou contar-lhe a história da minha vida. Aí entenderá o que eu faço.

- Acho que não tenho escolha! Tenho?

- Evidente que não. Eu sou de São Paulo. Meu pai era um vendedor viajante e minha mãe uma dona de casa. Eu era filho único. O pai sempre viajava por todos os cantos do país, muitas vezes perdia a noção dos meses em que ele ficava ausente. Quando completei treze anos de idade, ele resolveu realizar uma viagem comigo e com a minha mãe pelo Nordeste. Ele sempre foi encantado por essa região. Sempre falava daqui com muita fascinação.

Cabrunco oferece um copo com água para Marcus. Mesmo sentindo muita sede, o jovem nega a oferta do criminoso.

- Viajamos por vários estados – continua Cabrunco. – E o que eu mais gostei de ter conhecido foi a Bahia. Fizemos uma verdadeira via sacra até chegarmos aqui no Sergipe. Então, numa bela tarde de sol de uma quarta-feira, a minha vida iria mudar totalmente.

Marcus começa a se desfocar da história. O tenente fica muito perturbado a cada agressão a seu soldado. Cabrunco percebe, e com um sinal pede Pé na Cova para encerrar momentaneamente o flagelo.

- Bem. Espero que esteja mais atento agora. De onde mesmo eu parei? – o cangaceiro coloca a mão no queixo e lembra de onde parou. – Ah, sim! Como eu ia falando, numa tarde ensolarada, eu, meu pai e a minha mãe viajavamos numa carroça. Mamãe não estava nada satisfeita com a viagem. Ela achava o local muito perigoso para uma família transitar sozinha. E ela tinha razão. Nosso meio de transporte foi cercado por assaltantes. Sem motivo aparente, eles mataram meu pai a golpes de foice e estupraram a minha mãe. Logo depois a assassinaram também. Sufocaram-na até que seus lindos olhos azuis ficassem sem brilho. Tudo na minha frente. Pensei que seria o próximo. Entretanto, os delinquentes me deixaram a mercê da sorte.

Pé na Cova sai da igreja. Ele está irritado, pois um dos seus prazeres é causar dor nas pessoas. E momentaneamente este contentamento lhe foi apartado.

- E lá estava um adolescente, cheio de espinhas na cara, que mal sabia amarrar os cadarços de seus sapatos sozinho. Vagando sem rumo no sol escaldante do sertão. Passou três dias sem ter água ou comida. Sem ver uma única alma viva que pudesse ajudá-lo. Os dois únicos seres vivos que acompanharam seu destino tenebroso foram uma cobra, que quase o picou, e um urubu, que voava ao seu redor.

Marcus logo pensa em Tércio.

- No quarto dia resolvi que não valeria mais a pena lutar pela minha vida. Olhava para ave voando sobre a minha cabeça e pensei: “pelo menos servirei para alguma coisa.” Meu corpo aqueceu e minha vista escureceu. Caí no meio do solo pedregoso e quente à espera da minha sina. Para a minha sorte, dois minutos depois, fui resgatado por um velho padre da região. Ele me levou para a igreja onde pregava seus sermões. Deu-me um banho, água, comida e roupas limpas. Conteí toda a história para ele. O padre, de nome Lucas, prontificou-se a ajudar no meu retorno a São Paulo. Pedi asilo na casa dele, pois expliquei que não tinha parentes que pudessem acolher-me.

Pé na Cova retorna ao interior do santuário, dessa vez ele está acompanhado de Terra Seca.

- Falei que se arrependeria de sua decisão – fala o cangaceiro alto para o tenente. – Muitos dos seus morreram a noite passada devido à sua teimosia e ao seu orgulho. Uma simples conversa resolveria tudo.

Marcus não responde aos comentários de Terra Seca. Ele prefere escutar a história de Cabrunco.

- Deixe-me acabar de contar a narrativa da minha vida para ele, Zeca! – resmunga Cabrunco.

- Como quiser, Jordão – acata o pedido Terra Seca.

- Jordão? - comenta Marcus. – Enfim temos um nome!

- Sim. Meu nome é Jordão. E isso nunca foi um segredo para ninguém. Vamos voltar para o conto. Fui criado pelo padre Lucas junto com outros quatro meninos. Todos como eu, vítimas da violência no sertão e órfãos. Lá estudávamos e ajudávamos os padres nas celebrações. Sim. A igreja de Nossa Senhora das Dores possuía dois párocos. Lucas era o mais velho e Osório era o mais novo.

Marcus observa Pé na Cova mexer com Jesuíno. O volante está desacordado.

- Mas, um dia, eu percebi que havia algo errado com Osório. Pela primeira vez, o padre Lucas teve que fazer uma viagem. Ele ficou fora durante três dias. E todas as noites, eu escutava os sons da perda da inocência de meus irmãos de adoção. Vítimas dos desejos profanos de um sacerdote pederasta. O mais curioso é que o maldito não encostava a mão em mim. Imaginei que ele tinha medo de padre Lucas, afinal, eu era o filho querido do velho clérigo.

Terra Seca senta numa das longarinas da igreja e ouve o monólogo de seu líder.

- Para o infortúnio de meus camaradas, devido aos compromissos religiosos frequentes, padre Lucas intensificou suas viagens. Era tudo que Osório queria. Mas eu percebi que ele queria um novo alvo. Ele me olhava como um troféu a ser conquistado. A cereja do bolo. Só não sabia como e não tinha coragem para fazê-lo. E esse dia não tardou a chegar. Numa das viagens, meu amigo padre Lucas caiu de seu cavalo e quebrou o pescoço. Falaram que a morte foi imediata.

Pé na Cova se abaixa e pega um pequeno balde com água. Ele joga no rosto machucado de Jesuíno. O volante acorda e olha para seu tenente. No entanto, fica em silêncio. Teme em falar algo que possa trazer algum tipo de punição a seu líder.

- O velório de padre Lucas foi marcado pela tristeza e pela comoção – continua a sua prosa Cabrunco. – Ele era um religioso muito querido. Todos os seus amigos e frequentadores de suas missas foram lhe dar um último adeus. Eu e meus irmãos olhávamos com raiva, pois padre Osório era o que mais chorava na vigília. Não conseguíamos compreender como um homem daquele usava a igreja e a palavra de Deus para cometer seus crimes e satisfazer seus desejos e sair sempre impune. – Cabrunco dá uma pausa e respira fundo. Ele lembra do seu segundo pai. Recobra-se e continua. - Depois do enterro, a noite não demorou a chegar. O nocivo padre entrou no meu quarto. Eu estava deitado, fingindo que dormia. Quando ele puxou o lençol que estava por cima de mim e tentou tirar as minhas roupas, eu deferi uma facada em sua barriga. Um dia antes, havia roubado uma

faca da cozinha da casa paroquial. Irado, Osório, que era um homem muito forte, tirou a faca das minhas mãos e me perfurou em três lugares. Uma facada na mão direita, quando tentei me defender do ataque, outra no braço esquerdo, defesa novamente, e uma no peito. Caí no chão, muito ferido, já não conseguia mais lutar pela minha dignidade. Apenas esperava o criminoso consumir o ato deplorável. Fiquei lá deitado e sangrando.

- Pedófilos e santos - comenta Terra Seca. - Quanta hipocrisia o ser humano carrega consigo. Não consigo entender as atrocidades que esses homens fazem em nome do seu deus.

- Tem razão, amigo Zeca. – Cabrunco concorda com as palavras do homem alto. – Osório se aproximou sorratamente e os seus olhos denunciavam sua intenção maliciosa. Mesmo ferido queria terminar aquilo que ele se propôs a fazer. Mas o destino sorriu para mim. Os outros meninos, meus irmãozinhos, aqueles que foram abusados anteriormente, eles me salvaram do pecaminoso. Juntos, esfaquearam o padre até a morte. Estávamos desesperados e não sabíamos o que fazer. Tínhamos um crime e um pecado em nossas costas. Pensávamos dessa maneira. Condenados em dois mundos. Um no mundo dos homens, seríamos presos por matar uma pessoa. E o outro no reino de Deus, estávamos destinados a viver o resto de nossos tempos no inferno, pois matamos um homem santo.

- Essa agora é a melhor parte - grita Pé na Cova. Ele ainda mexe no corpo de Jesuíno. O volante é incapaz de se defender.

- Fugimos. Todos juntos. Não obstante, eu sangrava muito. Retardava o avanço de nossa retirada. Já sabíamos que as autoridades estavam atrás da gente pela morte do padre. Mais uma vez, estava lá. Eu, um menino moribundo, caminhando por terras secas e sempre seguido e vigiado, pelos ares, por um único urubu.

Marcus pensa que Tião Urubu poderia, antes do homem loiro se tornar um demônio, já estar acompanhando os seus passos.

- Como um déjà-vu, lá estava o menino caído no solo desolado do lugar. Paralisado e quase morto. Meus irmãos fizeram de tudo para me reanimar. Mas era tarde demais, pelo menos eles pensavam que era. Já sem respirar, meus companheiros fizeram uma cova rasa e me enterraram. Partiram imaginando que eu estaria morto. Porém, a fortuna mais uma vez se manifestou a meu favor. O Olho do Iluminado, por coincidência ou não, estava enterrado bem próximo à minha fossa. Seus tentáculos me alcançaram e ele me alimentou com o seu sangue profano e quente. Durante dois dias fiquei submerso na terra do sertão. Recebendo alimento e me preparando para uma transformação. No final do segundo dia, emergi do solo como um ser diferente. Um arauto da morte que precisava contaminar tudo que tocava com o caos. Não demorei para achar mais dois jovens

com as mesmas trajetórias de vida. Eles estão ali. Somos mais do que um bando. Somos irmãos nas trevas. Nós somos a Trindade do Sertão. E é assim que o nosso mestre – Cabrunco ergue o olho – quer que vivamos; e nós respiramos para servi-lo.

- Fábula interessante – comenta Marcus. - Belas palavras e uma tragédia familiar. – Logo ele pensa o que aconteceu com a sua família. – Um final épico. Juro que quase saiu uma lágrima de meus olhos. Mas por que não vai direto ao assunto? Antes precisa se gabar desse conto?

Igreja da Imaculada Conceição. Um lugar de orações, pedidos e agradecimentos. Refúgio de fiéis que buscam orientações religiosas e conselhos. Local onde se busca a paz e se propaga o bem.

Porém, o recinto sacro recebe visitantes indesejáveis. Invasores que expulsaram o representante da casa. Monstros que pregam o mal e que trazem consigo um rastro de destruição e atrocidades. Liderados por um indivíduo que só tem um objetivo na sua vida. Propagar o caos em nome do seu mestre, o Olho do Iluminado.

No interior do lar eclesiástico, dois homens são mantidos prisioneiros. Um deles é o volante Jesuíno. Bravo soldado e excelente estrategista. Sua condição nesse momento não é nada confortável. Preso, acorrentado de cabeça para baixo e torturado.

O segundo recluso é o tenente Marcus Alves. O jovem lidera, ou pelo menos liderava, um pequeno batalhão que tinha a missão de encontrar seus captores. Só que essa reunião não estava de acordo com os seus planos. O oficial tem tolerância zero quando o assunto é cangaceiro.

E agora o próprio diabo quer negociar com ele. Cabrunco, um rapaz que não possui origem nordestina e que teve uma infância muito parecida com a de Marcus. Tragédias familiares que deixaram ambos órfãos e à mercê da natureza maligna do ser humano.

- Já que não curtiu a minha história de vida, oficial, - fala Cabrunco. -, vamos direto ao assunto. Eu te liberto e você volta para sua casa imediatamente. Ao chegar em seu lar, quero que conte e espalhe para todos a minha saga e o que eu estou fazendo aqui.

- E como meus homens ficam nessa negociação? - pergunta Marcus.

- Em relação a eles, não existe barganha. Preciso somente da sua ida ao sudeste e demais regiões. Será o meu porta-voz, aquele que elevará meu nome e o colocará para ser lembrado nos livros de história do nosso país. Ao anoitecer vou invadir a casa de Primo Anastácio e acabar com o seu grupo.

- Se é para relatar as suas aventuras, poupe o meu cabo. Ele já tem as anotações que precisa para lhe tornar famoso, e pode compartilhá-las ao alcance de muita gente.

- O que seu velho soldado gordo está anotando não passará daqui. São descrições inúteis que ninguém levará a sério. Não percebeu que ele está ultrapassado e as autoridades o mantêm como uma espécie de registrador? Mas com você é diferente. Muitos devem te conhecer. Você é filho de um general. Suas

informações sobre o que está acontecendo aqui vão elevar meu patamar. Serei lembrado por séculos e meu nome se tornará uma lenda.

- Mesmo sabendo que você me matará, não vou dar esse prazer para um vagabundo.

Cabrunco solta uma alta gargalhada.

- Você ouviu essa, Zeca? Bem que me falou que esse aqui era carne de pescoço. Será que tem alguém que possa dobrá-lo?

Terra Seca dá um sorriso de canto de boca.

- Prefere morrer como esse bando de semianalfabetos do que sobreviver e repassar a minha trajetória de vida? Eles não têm um pingo de admiração por sua pessoa.

Marcus nada responde, mas Cabrunco já sabe a sua resposta, então a fera chega à conclusão que terá que ser bem incisivo em sua proposta. Se na base da conversa não conseguiu o que queria, outros meios podem ser mais eficazes.

- Pé na Cova! – Cabrunco chama o cangaceiro.

Sem demora o baixinho careca se apresenta.

- Desculpe-me pela forma rude que interrompi seus afazeres. Para reparar o meu erro, você está autorizado a mexer com o soldado. Faça-o sofrer, mostre para o nosso convidado que ele não tem muitas opções. Ou aceita nossos termos ou morre junto com os seus.

Pé na cova não esconde sua alegria. O cangaceiro tira um pequeno punhal de suas roupas e faz um pequeno corte no pescoço de Jesuíno. O sangue começa a escorrer.

- Se quer morrer! – grita Cabrunco. – Que seja da pior maneira possível. Ofereço-lhe um pouco das técnicas que usaremos ao derrotarmos o resto de seu bando. Veja o que acontece com quem ousar a enfrentar o Olho do Iluminado.

Cabrunco se levanta da cadeira mais uma vez. Ele segue para a direção de Jesuíno, agacha-se e olha para o volante. A princípio faz uma careta de decepção, pois o volante sofrerá devido à teimosia de seu chefe. Contudo, suas feições ficam mais alegres quando se lembra que ele sente prazer com a desgraça alheia.

- Não tem medo da morte, jovem? - pergunta o cangaceiro. – Não sente raiva do seu líder por lhe trazer esse fardo?

- A morte sempre me acompanhou durante toda a minha existência, galego. Digamos que eu e ela somos bem íntimos. – Jesuíno olha para o seu líder. – Tenente, siga suas convicções, sei que interromperá as aventuras criminais desse verme. Fale para Josenildo que eu o amo mais do que tudo nessa vida. Não dê bola para que esse verme branco e seu criado batoré vão arrumar comigo.

E mais uma vez, Marcus presencia um ato de terror inimaginável. O Olho do Iluminado lança seus finos tentáculos por dentro dos ouvidos de Jesuíno.

Imediatamente o corpo do soldado fica paralisado. Seus olhos estão estáticos, olham para o nada, e de sua boca sai uma baba transparente. Seu corpo começa a tremer e ter convulsões, que ficam mais intensas a cada segundo.

O tenente olha desolado a esfera se alimentar dos fluidos de Jesuíno. Um ato lento, sem um único grito ou som.

Quando o corpo para de se mexer, o tenente se entristece, pois sabe que um de seus melhores soldados já não respira mais.

Os tentáculos saem dos ouvidos do soldado tombado. Cabrunco volta as suas atenções para Marcus mais uma vez.

- É assim que quer morrer, tenente? Na angústia, na dor e no desespero? Silenciosamente, sem que ninguém se lamente por isso?

- Prefiro morrer ao lado deles do que compactuar com as suas loucuras e depravações. O que faz agora com o jovem volante só prova as minhas teses. Mais do que nunca recuso a ter algum tipo de permuta contigo.

- Se é isso que deseja. – As garras de Cabrunco crescem e ele corta a corda que prendia Marcus. – Volte para seus homens. Nos encontraremos lá à noite. Não se preocupe, ninguém lhe encostará as mãos. Você é meu no campo de batalha. Terei o prazer de arrancar a sua cabeça e mandá-la numa caixa para seu pai.

Marcus sai apressadamente da igreja, monta em seu cavalo e galopa velozmente em direção à casa de Primo Anastácio. Tem pouco tempo para chegar lá e pensar numa estratégia que possa salvar a sua vida e a de seus aliados.

O antigo lar do cangaceiro Primo Anastácio está totalmente cercado pelos homens de Cabrunco. É o que constata Marcus ao chegar na residência, cavalgando lentamente. Calmamente ele passa pelos bandidos, que não esboçam qualquer tipo de ataque ao oficial. Apeia de sua montaria e entra no imóvel puxando seu animal pelas rédeas.

Aristides, Messias e Josenildo correm em sua direção. Eles estão desesperados por notícias dos outros soldados.

- Senhor, – fala o cabo – conseguiu escapar das garras do tnhoso?

- Mais ou menos, cabo – responde o tenente. - Quantos somos agora?

- Contando com você, dez – explica o cabo.

- E o meu irmão? - pergunta Josenildo. O jovem está desiludido, pois Jesuíno não retornou com Marcus.

- Desculpe-me, homem! – fala o oficial. – Ele não conseguiu. Assim como os outros.

Lágrimas saem dos olhos de Josenildo. Ele retira suas duas peixeiras que estavam presas em suas costas e as fincam no chão, logo em seguida se ajoelha e chora copiosamente.

- Qual deles? – faz mais uma pergunta o volante. – Qual marreteiro fez ele sofrer?

- Pé na Cova – entrega Marcus.

- Pelo menos foi rápido e ele não sentiu muita dor?

- Sim. – Marcus mente sobre a morte do irmão de Josenildo, quer poupar o homem do show de maldades que testemunhou na igreja e do qual Jesuíno foi vítima. – Sei que é um momento bem delicado para você, soldado. Mas temos que nos preparar. Quando a noite chegar, aquele trio maldito vai aparecer para tirar nossas vidas.

- O que falou para o monstro a ponto de ele poupar sua vida? – pergunta Messias.

- Recusei seu pacto. Ele queria que eu fosse embora daqui e contasse a sua história. Torná-lo famoso país afora, principalmente no Sudeste.

- Poderia ter aceito - comenta Aristides. – Não precisava se sacrificar por nós.

- Fiz uma promessa para vocês e pretendo cumpri-la. Nunca abandonaria meu pelotão para salvar a minha própria pele. E acabar com aquele trio do terror virou uma questão de honra.

Os homens sentem orgulho de seu líder. Josenildo se levanta, enxuga as lágrimas e bota sua mão esquerda no ombro direito de Marcus.

- Chame todos aqui – ordena Marcus.

Aristides assobia e todos ficam em volta do tenente, que olha um por um nos olhos.

- Meus amigos – fala Marcus. – Quando o sol se esconder, enfrentaremos o maior desafio de nossas vidas. Como testemunharam na noite passada, os inimigos não são seres humanos normais. Eles são bestas infernais que só têm uma motivação em suas vidas inúteis. Findar com tudo que eles encontrarem pela frente. Não importa se é velho, jovem, criança, mulher ou homem. Os cangaceiros que se autointitulam de Trindade do Sertão só querem instaurar o caos e o mal. Estamos cercados, não temos para onde fugir ou correr. E devemos enfrentá-los se quisermos contar essa história para nossos netos no futuro. Por isso preparem o maior número de armadilhas que forem necessárias. Usem sua criatividade para isso. Aristides estará no comando até eu voltar.

Após as palavras de Marcus todos os volantes se aproximam dele e o abraçam. Antes, em sua chegada ao Nordeste, o tenente era visto com desconfiança por seus soldados. Nem mesmo seu segundo em comando, o cabo Aristides, tinha

muita simpatia pelas ações e atitudes do jovem. Todos os consideravam uma pessoa seca e fria. Agora, com demonstrações de coragem e hombridade, o oficial é celebrado pelos seus homens.

- O que pretende fazer, senhor? - pergunta o cabo.

- Cabrunco é muito esperto e sagaz – explica Marcus. O jovem monta em seu cavalo novamente. - Sabe como lutamos e nos comportamos no combate. Se quisermos vencê-lo, temos que ter o elemento surpresa ao nosso lado.

- Os cangaceiros não o deixarão sair - comenta Messias. – A cada espiada que damos lá fora, os bandos engatilham suas armas.

- Deixarão, meu amigo. Eles pensam que vou embora, afinal, foi o trato que o líder deles me ofereceu. No momento em que eu sair por aquele portão, com certeza um vai dar a notícia para Cabrunco.

- Para onde vai? – questiona Josenildo. – O que vai fazer?

- Segredo, soldado. Como havia falado anteriormente, o homem é inteligente, mas possui um grande defeito. Ele é egocêntrico. Ao se exhibir para mim na igreja, demonstrando todo seu poder e sua força, ele me mostrou um meio de derrotá-lo. Vou buscar um meio de garantir nossa salvação. Muito antes do pôr do sol estarei de volta.

O portão é aberto e Marcus sai em disparada com a sua montaria. Como previsto por ele, os cangaceiros não tentam impedir sua saída e um deles monta num cavalo e segue para a igreja com a intenção de informar as novas para o seu líder.

A casa de Primo Anastácio. É tarde, o sol e o calor continuam muito intensos, castigando o solo do sertão de Sergipe. No pátio, os soldados, sob as ordens do cabo Aristides, já preparam toda a área para confrontar seus inimigos. Estão aguardando o retorno de seu comandante, o oficial Marcus Alves.

Marcus saiu da casa sob a promessa de encontrar um meio de acabar com Cabrunco e sua turma de bandidos perigosos, pois uma guerra entre os dois lados é iminente. Os cangaceiros esperam a chegada da noite, onde serão mais fortes e mais rápidos, para invadir o local e exterminar o tenente e seus volantes.

Porém, a espera é entediante e parece não ter fim. Aristides escreve seus últimos relatos. Aquele tipo de carta que contém as palavras “se estiver lendo esse bilhete é porque algo muito ruim aconteceu comigo”. Tem a ciência de que existem grandes probabilidades de não sobreviver ao ataque inimigo. É um soldado veterano, cansado e gordo; e os adversários têm o sobrenatural como vantagem.

Messias João está num canto com um crucifixo. Ora pela vida de seus parceiros. Pela alma de seu amado Lino Matias. E pede a Deus, mesmo que isso não seja correto, a vingança contra os malfeitores.

O volante Josenildo afia suas peixeiras. Apesar de ser um excelente estrategista e soldado, ele apenas afia suas duas armas brancas. Não tem tempo para raciocínios ou orações. Seu pensamento está focado em um único objetivo: matar o homem responsável pela dor de sua perda, pela morte de seu irmão Jesuíno, o cangaceiro Pé na Cova.

Súbito, todos escutam batidas no portão da casa. Lentamente e cuidadosamente, Aristides abre o acesso. Seu coração fica mais aliviado quando dá de cara com Marcus puxando seu cavalo pelas rédeas.

- Vixe Maria, senhor – alivia-se o cabo. – Estávamos preocupados com o seu retorno. E os cangaceiros?

- Estão de vigia ainda. Acho que não nos perturbarão. Entrei sem nenhum tipo de problema. Eles têm apenas um objetivo, manter-nos aqui até a noite para a chegada de Cabrunco e seus dois capachos.

- Conseguiu o que queria? – Aristides pega as rédeas da montaria do tenente. – Achou um modo de escaparmos dessa?

- Acho que sim. Vai depender de quanto tempo vamos aguentar o ataque dos marginais. Teremos que ter muita paciência. Agora preciso descansar um pouco. O duelo contra Cabrunco exigirá tudo de mim. Ele prometeu que não encostaria a mão em ninguém quando entrar aqui, vai vir direto para o meu lado. Ele não gostou da minha recusa em relação à sua oferta.

O sol começa a se despedir da casa de Primo Anastácio. Cai silenciosa e belamente por trás de montanhas médias vistas ao horizonte. O tom cinza do céu misturado com uma pequena fagulha dourada dá um requinte de pintura realista para alguns cactos que estão próximos ao lugar.

Os capangas de Cabrunco, que até então vigiavam a entrada da habitação, começam a evasão. Guardam suas armas e montam em seus cavalos. Com um sinal de mão de um deles, o grupo, com a missão cumprida de evitar que alguém saísse ou entrasse no local, com exceção de Marcus, deixa os arredores do imóvel junto com a luz solar.

Isso poderia ser um alívio para os homens que estão reclusos na residência. Contudo, a escuridão da noite chega e traz visitantes indesejáveis, mas esperados por eles.

Cabrunco, Terra Seca e Pé na Cova estão parados na frente do portão de entrada recém-restaurado pelos volantes. Jordão, como o líder é chamado pelos outros dois, tem um largo sorriso no rosto. Esse é o fechamento de mais um arco em sua saga de morte, sangue e destruição. Um capítulo que tem como antagonista o jovem e corajoso tenente Marcus Alves.

Uma luta que trará um gosto especial para o cangaceiro. O oficial, assim como ele, é um forasteiro nessas terras, e eles até possuem vários traços físicos em comum. Todavia, o que chamou mais atenção de Cabrunco foi a ousadia do soldado, que mesmo em desvantagem, acuado e psicologicamente testado, em momento algum cedeu às pressões e ao terror mental.

Não obstante, o serviço tem que terminar. As feições da Trindade do Sertão mudam. De rostos humanos normais, agora eles carregam faces esqueléticas e olhos em brasas.

Terra Seca, com sua força descomunal, dá um tranco no portão que vai abaixo com o singular golpe. O trio entra no imóvel e dentro do pátio olha uma barreira.

Por trás dessa barricada estão os dez heróis remanescentes. Aqueles que têm a missão final de acabar com os atos de malevolência do grupo.

Sem esperar pelos seus adversários, os soldados começam a atirar nos facínoras. Suas metralhadoras hotchkiss cospem balas que atingem a trinca. Perfurações são feitas em todas as partes dos corpos dos meliantes.

Da trincheira Marcus e seus homens observam a inutilidade do fuzilamento. A chuva de projéteis somente atrasa o avanço das feras, deixando-as mais furiosas.

Como uma alcateia de lobos famintos, a tríade corre na direção da barreira. Entretanto, são surpreendidos pelas armadilhas feitas pelos volantes.

O primeiro a cair numa arapuca é Terra Seca, vítima de um buraco cavado bem fundo e que possui, em seu final, várias pontas de ferro. Perfurado e empalado em diversas partes de seu corpo, a besta ruge num timbre grave. Não de dor, mas de raiva. Vagarosamente, ele começa a retirar os bicos metálicos cravados em várias partes da sua constituição física.

Pé na Cova não viu quando uma corda enterrada no chão envolveu seu pé esquerdo e o puxou para cima, ficando de cabeça para baixo preso junto ao muro. Os volantes, aproveitando-se da oportunidade, jogam três garrafas contendo álcool. Logo em seguida, Josenildo lança uma estaca de madeira em chamas, acertando o peito do bandido. O fogaréu se espalha pelo seu corpo.

O mais safo de todos, Cabrunco, não foi pego desprevenido pelos embustes criados pelos soldados. O criminoso se arremessa contra a barricada e a desfaz facilmente. Os volantes, instintivamente, espalham-se pelo quintal. Poderia ocorrer uma carnificina, com o demônio mutilando e matando todos à sua volta. No entanto, ele queria somente uma alma para trucidar. Uma vítima para humilhar. Uma pessoa para colocar em seu devido lugar. E essa vida atende por uma graça: Marcus Alves.

Já livre de todos os fragmentos metálicos que magoavam muito mais seu orgulho do que sua carne, Terra Seca começa a subir pelo buraco no qual caiu. Rosna feito um animal indômito. Só quer chegar no solo novamente para estraçalhar quem estivesse em seu caminho.

Um dos volantes tenta jogar óleo quente no poço, mas sua lentidão determinou seu destino. O bandido o segura pelo pé e o lança buraco abaixo. Antes que pudesse gemer de dor pelos ferimentos das varas afiadas de metal que esburacaram seu corpo, o jovem soldado já agoniza, vítima de um banho de óleo fervendo, padecendo de seu próprio veneno.

Já fora da arataka, Terra Seca mira Aristides, o velho cabo. Garras crescem de suas mãos e ele avança sobre o veterano. Obeso e lento, o oficial, com muitas dificuldades, esquiva-se dos ataques do homem parrudo. Porém, a persistência e o empenho do bicho, aliados à vagareza da presa, rendem um ferimento na perna direita do longo soldado.

Caído e sem poder de reação, Aristides está indefeso e sem forças para lutar ou fugir do monstro. Terra Seca foca em seu alvo, mas, ao tentar deferir o golpe de misericórdia com as suas unhas grandes, é detido pelo facão de Messias João.

- Sua luta não é com o cabo, cabra ruim – fala o jagunço. – Tenho contas a acertar com vocês. Vou vingar a morte de meu querido amigo Lino Matias.

Terra Seca estranha o modo de falar de Messias. No entanto, rapidamente compreende o que ele sente. Um amor proibido e secreto por um outro homem.

- Amigo? – questiona o cangaceiro. – Por acaso fala do filho do coronel? – A fala do bandido é maliciosa. – Amigo uma ova. Vocês eram namoradinhos, sua baitola. E agora um veado vem me desafiar em nome de um amor depravado e nojento? Se quer saber, nós esfolamos aquela franguinha viva. Ele gritava e gemia como uma moça no cio.

Ao ouvir as palavras rudes e provocantes do delinquente, Messias João, ignorando o fato do criminoso ser invulnerável a feridas, lança-se num ataque fulminante com seu facão em punho.

Então, tem início uma luta entre uma besta infernal e um homem comum cego pela vingança, que parte para cima de seu rival como um trem desgovernado.

Pé na Cova queima preso à corda. O cangaceiro se livra da amarra facilmente ao cortá-la com as suas unhas monstruosas. Como uma tocha acesa, o meliante rola na poeira do quintal e as flamas se apagam. Desorientado e cego de cólera, a fera decepa as mãos de um dos volantes e o sacrifica com um talho profundo na jugular. Sangue esguicha em abundância do pescoço do jovem soldado.

O criminoso retira a estaca que estava enfiada em seu peito e crava no peito do militar que acabara de assassinar.

Procura outro ser humano para abater. Ceifar vidas é a única coisa que lhe dá prazer naquele instante. Contudo, um dos inimigos prende o seu olhar. O homem se encontra parado à sua espera.

Chamuscado e fedendo a carne e cabelo queimados, o fogo que substitui seus olhos aumenta e diminui.

- Você! – fala Pé na Cova. – Bati, torturei e cortei. Mas ainda está vivo.

- Nunca ouviu falar em irmãos gêmeos, seu jumento! – comenta Josenildo. O soldado está com as duas peixeiras em mãos e pronto para vingar a morte indigna do seu irmão Jesuíno.

- Então terei um regozijo duplo. Dois soldados, traidores do povo nordestino, capachos de homens fantasiados de oficiais da nação, que são defensores da ganância dos coronéis nordestinos.

- Eu e meu irmão nunca estivemos nessa por dinheiro, poder ou fama. Nosso objetivo sempre foi acabar com qualquer tipo de cangaceiro. Não importa se

é um seboso comum ou um demônio.

Sem medo do seu destino, Josenildo ataca Pé na Cova sem receio ou piedade. E mais um combate se inicia. O cangaceiro ataca bem veloz, usa suas garras para deferir qualquer trauma no volante.

Unhas se cruzam com lâminas. Um olhar fixo, negro e forte não se intimida com o fogo alto e sem vida que está no lugar dos olhos do bicho.

Ao contrário do último homem que matou, Pé na Cova encontra muitas dificuldades para atacar seu oponente. Subestimou o volante, que demonstra uma habilidade sem igual no manuseio das duas armas brancas.

Ferimentos e cortes marcam o corpo do bandido. Mesmo com a pele chamuscada pelo fogo, os estigmas causados por Josenildo não afetam o jeito de brigar do monstro. Seria uma questão de tempo para o soldado se cansar e começar a ceder na luta. É o que pensa o demônio.

E tempo foi o que Marcus pediu para seus soldados. Segurar o máximo possível o ataque da Trindade para usar o elemento surpresa contra eles. Só que os bandidos, além da invulnerabilidade, são mais fortes e velozes que os heróis. Talvez eles não tenham o prazo devido para que alcancem a vitória.

A morte parece ser sina mais certa do que o sucesso na missão.

Com a queda da barreira, vários sacos de areia caíram sobre o tenente Marcus Alves. Bem devagar, ele retira todo o peso de cima de seu corpo. Muito sujo, sacode a poeira e se dá conta de que Cabrunco está a alguns metros de sua posição.

- Estava aqui pensando quanto tempo você demoraria para sair debaixo desses sacos – fala de forma sarcástica o cangaceiro. – Confesso que pensei que levaria menos tempo.

- Esta noite terá muitas surpresas, animal - retruca Marcus. - Cometeu um grave erro ao vir atrás de mim e de meus companheiros.

Sem muito papo, Cabrunco toma a iniciativa do primeiro ataque. Mesmo a fera sendo muito rápida, o tenente consegue enxergar as unhas do homem crescendo e o fogo que toma conta dos seus olhos inflamando ainda mais.

Não obstante, ao tentar rasgar a pele do oficial, o cangaceiro se surpreende ao reparar que suas garras da mão esquerda e seu dedo mindinho foram cortados. Naturalmente, ele se afasta de Marcus para entender o que está acontecendo. Só então compreende o que houve. O diabo solta uma gargalhada de gelar o coração até mesmo do mais corajoso colecionador ao reconhecer a lâmina negra da peixeira com a qual o soldado se defendeu e atacou.

- A arma de Primo Anastácio – comenta Cabrunco. – Procurei muito tempo por ela. Estou um pouco decepcionado, pois nunca imaginaria que um reles homem comum a conquistaria. Provavelmente aquele velho louco domador de urubus lhe ajudou a encontrá-la.

Percebendo que não conseguirá vantagem ao usar seus atributos contra a lâmina de ébano, Cabrunco desembainha uma peixeira que estava presa em sua cintura.

- Acho que vou adorar isso tudo – fala o marginal. – Faz tempo que não realizo um combate com peixeiras. Cortar sua carne macia e depois dar de alimento para o Olho do Iluminado será a minha maior recompensa.

Dessa vez, metal contra metal se encontram liberando faíscas a cada batida mais forte. Para o espanto de Cabrunco, o tenente maneja bem a arma de Primo Anastácio. Ele não sabe que Marcus foi treinado na arte da esgrima pelos melhores espadachins da Inglaterra. Golpes são efetuados e defesas são executadas por ambas as partes.

Um duelo clássico, o bem contra o mal. A luta de um homem comum, com uma arma especial, contra uma fera demoníaca, com um equipamento simples.

O Olho do Iluminado, numa perfeita simbiose com Cabrunco, tenta atacar o jovem oficial. Pendurado no pescoço do cangaceiro, a coisa tentar deferir golpes com seus tentáculos no peito do tenente.

Todavia, ele não enfrenta uma folha metálica afiada qualquer. Ao encostar na arma, os tentáculos se retraem, deixando o combate exclusivamente para seu parceiro cangaceiro.

A luta segue com golpes rápidos e poderosos. Cabrunco, de surpresa, retira um punhal de sua cintura e perfura a barriga de Marcus. Ainda que profundo e com sangue escorrendo em abundância, o tenente continua seu destino de deter o maléfico homem a qualquer custo. Sua vida, e principalmente a dos seus soldados, depende disso.

No entanto, uma segunda perfuração, mais profunda e no peito de Marcus, começa a mudar o rumo da peleja. A seiva rubra ainda continua a descer com profusão de Marcus. Sua farda bege já tem um tom mais carmim. A força de antes já não é mais a mesma. Ele começa a sentir tonturas. Com muitas dificuldades, segura a peixeira especial.

Cabrunco sente que o ato final está se aproximando, e ele atua como grande vencedor, como o artista principal de uma apresentação de teatro. Sua risada sinistra ecoa por todos os cantos do imóvel.

Mesmo sendo atacado de forma desenfreada por Terra Seca, Aristides e Messias olham desesperados para o seu líder. Sentem que Marcus não conseguirá

enfrentar Cabrunco por muito tempo. Eles oram para a bendita surpresa do seu líder ocorrer.

Não obstante, sons oriundos do lado de fora da casa desviam as atenções de ambas as frentes da disputa. Grasnar de pássaros, de muitas aves. Um coro que a cada instante fica mais próximo e ensurdecedor.

Marcus, já deitado no chão, vencido pelas suas feridas e cansado de lutar contra alguém de força e velocidade superiores às suas, não se contém e começa a rir. Tem certeza que o seu sacrifício, e o dos seus aliados, finalmente ganhou uma recompensa. Uma esperança de vitória.

- Por que está rindo? - pergunta Cabrunco, que não entende o que está acontecendo.

Marcus não para de gargalhar.

- Olhe para a entrada da casa, seu idiota – fala o tenente com um sorriso no rosto.

Do portão destruído pela invasão dos cangaceiros surge uma fumaça escura. Dentro do vapor sombrio se manifesta um vulto. Esse indivíduo se revela envolto às nevoas obscuras.

- Você! – grita Cabrunco, sem acreditar no improvável partidário do jovem oficial.

- Só existe uma lenda a ser temida aqui no sertão de Sergipe, galego – fala Tião Urubu.

O velho levanta o seu cajado e milhares de urubus invadem a casa do lendário cangaceiro.

Marcus, contiguamente, identifica Tércio, pois é a ave que lidera o bando. A marca feita por Tião em seu antebraço direito começa a brilhar. Os urubus se dividem e atacam impiedosamente os três cangaceiros.

As bestas tentam se proteger do avanço de milhares de animais e, distraídos com a hostilidade repentina, não percebem que Marcus planejara o movimento definitivo.

- Tércio - grita o tenente.

Como um raio que cai dos céus, Tércio voa rasante na direção de Cabrunco, e na mesma velocidade passa pelo bandido. Ao prestar atenção na manobra do pássaro, o cangaceiro não percebe a fuga de Marcus. Entretanto, o que estremece o espírito sombrio do malfeitor é a perda do Olho do Iluminado.

Tércio carrega em seu bico a exótica criatura e a joga perto dos pés de Marcus. Antes que Cabrunco consiga falar algo, o tenente esmaga o olho com seu coturno. Os tentáculos, antes muito ativos, agora estão imóveis no pátio do lugar.

Tanto Cabrunco como seus comparsas ficam paralisados sem saber o que está por vir. E não foi nada agradável. A tríade era praticamente imaculada devido

à influência sobrenatural do Olho do Iluminado, e com a destruição do bicho, essa magia começou a seguir o caminho ao contrário. Ela reverteu seu efeito.

O primeiro a sentir as sequelas da reversão foi Terra Seca. Além das feridas ganhas na armadilha dos soldados, outras, de antigas contendas, surgem por todo o corpo do cangaceiro. Seu rosto volta ao normal, não possui mais a aparência de um esqueleto. Somente um semblante triste e decepcionado de uma pessoa que falhou em sua missão. Messias e Aristides assistem aterrorizados o definhamento do bandido. Caído no chão e agonizando de dor, Terra Seca encontra seu destino, a morte.

O segundo a sofrer com o impacto da aniquilação do Olho foi Pé na Cova. O cangaceiro que sente prazer em torturar seus inimigos agora sente um sofrimento, uma aflição interior. Seu corpo parece explodir por dentro, mas, mesmo em estado tão crítico, a besta ainda tenta golpear o volante Josenildo.

O soldado, reconhecendo que o momento de vingar a morte de seu irmão finalmente chegou, cruza suas duas peixeiras e desfaz o movimento imediatamente. Ao realizar tal mobilidade, suas armas simulam o corte de uma tesoura, e a cabeça de Pé na Cova rola pelo terreiro da casa.

Cabrunco não acredita que seu sonho de instaurar o caos, primeiro pelo sertão e depois pelo mundo afora, acabou. Ele falhou em sua missão e sabe disso. Sem esboçar qualquer reação, ele cai de joelhos em frente a Marcus.

- Você poderia ser um dos nossos – fala o cangaceiro com muito sangue em sua boca. – Tem o perfil para o trabalho. Seríamos imbatíveis.

- Tem toda razão – comenta Marcus. - Quando estava cativo, preferi não lhe falar uma coisa. - Agora, com tudo acabado, não vejo problemas em revelar. Somos mais parecidos do que imagina. Não só pela fisionomia, mas também pelas tragédias em vida. Identicamente à sua história, perdi meus pais pela malevolência dos homens. Similarmente, fui salvo por uma pessoa boa e abençoada. Porém, nunca deixei que as minhas mazelas passadas atrapalhassem a minha nova vida. Com você poderia ter acontecido o mesmo. Mas escolheu o que considerou ser o mais fácil e olha onde estamos agora.

- Acha que poderia ser diferente? Ser uma pessoa boa. Mesmo com tudo que ocorreu comigo?

- Não tenho dúvidas disso. Poderia ter ganhado seu nome fazendo o bem para as pessoas. Seria um novo Primo Anastácio.

Cabrunco abraça as pernas de Marcus. E fala copiosamente.

- Eu queria ser bom. Eu queria ser bom. Eu queria ser bom. Eu queria ser bom.

E o silêncio reinou na casa de Primo Anastácio.

- Que você encontre o descanso e a paz, pobre alma.

Marcus olha para o portão. Tião e seus bichos se retiram do local. Tércio pousa no ombro do soldado e recebe um afago.

- Meu amigo. Sempre salvando a minha vida. Vá agora. Sempre foi e sempre será um líder para seu bando e um animal livre.

Tércio voa e sai da casa.

Marcus olha para o seu terço e o beija.

13 – EPÍLOGO.

Amanhece no Nordeste. Na residência de Primo Anastácio, os sobreviventes da guerra que aconteceu durante a noite já arrumaram toda a bagunça e enterram seus companheiros que foram vítimas das atrocidades da Trindade do Sertão.

Marcus, Messias João e Josenildo estão montados em seus cavalos e aguardam a chegada de Aristides.

- Têm certeza que querem seguir os meus passos? – pergunta o tenente.

- Não tenho mais ligação nenhuma com esse lugar – explica Josenildo. – Com a morte de Jesuíno tudo mudou para mim.

- Também quero respirar novos ares – fala Messias. – Sem Lino, minha vida no sertão não tem sentido.

A conversa dos três é interferida pelo cabo, que corre sob o sol quente. Só que dessa vez, ele não reclama do calor infernal do lugar.

- Senhor – fala Aristides. – Tem realmente certeza de que quer fazer isso?

- Sim, meu amigo. Tenho contas a acertar com um certo coronel do café no interior do Espírito Santo. Não se preocupe. Estou muito bem assessorado pelos meus companheiros de viagem.

- Sabe que deserção é um crime capital – adverte o cabo.

- Sei. Mas meu pai está acertando toda a papelada da minha dispensa das Forças Nacionais. Já havia combinado com ele antes de vir para cá. Agora precisamos ir. Fique com Deus.

- E as anotações? O que quer eu faça com elas?

- Não publique como um relato. As pessoas não vão acreditar em você. Faça delas um livro. Um conto. Quem sabe poderia ganhar um bom dinheiro com uma história de assombrações?

- Uma última pergunta e juro que não vou incomodar mais. O que ofereceu a Tião Urubu para que ele lhe ajudasse na batalha?

Com um sorriso no rosto, Marcus responde Aristides:

- Você não iria acreditar, meu amigo. Você não iria acreditar.

Após as palavras, o trio sai a galope da propriedade em busca de um novo desafio.

Logo depois da partida, um dos volantes corre desesperado na direção de Aristides.

- Senhor! Senhor!

- O que foi, soldado? - pergunta o cabo.

- Não vai acreditar. Mesmo diante de tudo que passamos aqui, um ladrão roubou vários de nossos pertences.

- O que ele levou, homem?

- Isso que é estranho. O larápio levou todos os nossos perfumes, nossos espelhos e nossas brilhantinas.

Aristides sorri.

- Realmente, jovem. É uma história inacreditável.

SOBRE O AUTOR.



Aglainir Oliveira Braga Junior é brasileiro, reside na cidade de Cachoeiro de Itapemirim (ES), casado e pai de uma menina. Formado em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo. Além de escritor, trabalha no setor financeiro e é baixista de uma banda de rock.

Trindade do Sertão é seu segundo livro lançado. Estreou no mundo literário em 2015 com o livro de fantasia A Lenda da Torre, publicação que teve excelentes críticas por parte de alguns dos principais booktubers e youtubers do Brasil.

Contato com o escritor ou quer conhecer mais o seu trabalho? Acesse:

juniorcaxu@yahoo.com.br

<https://www.facebook.com/Braga-Junior-Escritor-861805570606996/>

Para acompanhar o excelente trabalho de ilustrações de Franklin Fernandes, que desenhou de forma magnífica a capa do livro, siga-o em seu Facebook:

<https://www.facebook.com/siderfranklin>

<https://www.facebook.com/frankdestalentoinc/>

Table of Contents

[OdinRights](#)

[TRINDADE DO SERTÃO](#)

[ILUSTRAÇÃO DA CAPA](#)

[SOBRE O AUTOR.](#)